

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
LICENCIATURA EM DANÇA

GABRIELA GARCIA MAIA



MENARCA: narrativas feministas em uma composição de dança

PORTO ALEGRE

2023

GABRIELA GARCIA MAIA

MENARCA: narrativas feministas em uma composição de dança

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do título
de Licenciada em Dança, pela Universidade
Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof(a) Dr(a) Luciana Paludo

PORTO ALEGRE

2023

CIP - Catalogação na Publicação

Garcia Maia, Gabriela
MENARCA: narrativas feministas em uma composição de
dança / Gabriela Garcia Maia. -- 2023.
56 f.
Orientadora: Luciana Paludo.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de
Educação Física, Licenciatura em Dança, Porto Alegre,
BR-RS, 2023.

1. Dança. 2. Composição Coreográfica. 3.
performace. 4. menstruação. I. Paludo, Luciana,
orient. II. Título.

GABRIELA GARCIA MAIA

MENARCA: narrativas feministas em uma composição de dança

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em dança, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Pro^a Dr^a Luciana Paludo

Aprovada em: 06/04/2023

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Mônica Fagundes Dantas

UFRGS

Orientadora - Prof.^a Dr.^a Luciana Paludo

UFRGS

AGRADECIMENTO

Agradeço em primeiro lugar as minhas ancestrais que tem me proporcionado mergulhar profundamente no meu inconsciente a cada conversa imaginada e vivenciada, poder ser uma mulher que ainda está viva apesar de todas as tentativas que a sociedade tem de me abafar e me matar. Assim sendo agradeço a Ana Maia, minha irmã, e Yvelisse, minha mãe, que participaram ativamente de todas as etapas dessa pesquisa e seus desdobramentos. Agradeço meu pai as provocações e eventuais auxílios.

Agradeço às políticas públicas afirmativas e de assistência estudantil sem as quais não poderia estar entregando esse trabalho. Agradeço aos amigos que me inspiram e que eu carrego na minha memória corporal vívida.

Quero agradecer a minha terapeuta Rachel que participou e me deu a mão nos momentos mais difíceis, graças as políticas públicas da universidade.

Agradeço a minha categoria que é dispersa, diversa, fora da norma.

Agradeço a minha orientadora Lu Paludo que sempre me proporcionou encontros ricos e pulsantes durante a minha jornada na UFRGS, agradeço a Anne Plein que teve a generosidade de contribuir com esse trabalho também.

Agradeço aos meus amigos, Vini Martins, Kim Ribeiro, Lu Rassweiler, Aline Sanchez Flávio de Lima, Letícia Gabriela, Jaíne, Paula Moreira, Priscila Albers, Miriam Guimarães, Margarete, e ao meu enteado Rodrigo Dias, que são a família que eu escolhi e são meu suporte a 1495 km da minha terra.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso da Licenciatura em Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul se propõe investigar a composição coreográfica realizada na performance Menarca refletindo como os disparadores criativos e imaginativos evocaram a voz da artista e por consequência as narrativas feministas trazidas à tona nessa performance. Para tanto, a escrita de um texto performativo, bem como os dados da história de vida da pesquisadora e as discussões acerca da composição coreográfica e da produção em dança se mesclam e perfazem a pesquisa. Transcorrendo os desafios da criação em todas as esferas da produção criativa e executiva da performance e seus desdobramentos, indo além das questões subjetivas que movem a feitura do trabalho, trazendo à tona peculiaridades da cadeia produtiva da dança na cidade de Porto Alegre, RS. Contribuindo assim para o campo de pesquisa da dança valorizando e se apoiando em artistas-pesquisadoras e pesquisadoras que dialoguem com os anseios da pesquisa.

Palavras-chave: Composição coreográfica; Performance; Menstruação, Dança.

ABSTRACT

The final paper of the course of Dance in the University Federal do Rio Grande do Sul propose to investigate the choreographic composition through a performance “Menarca” looking to reflect on creative and imaginative triggers to evoke the artist's voice and the consequences in the feminist narrative. For that, it is written a performative text with the data of the researcher's life and discussions about the choreographic composition and production in the dance. The work shows the challenges of the creation in all the production as the design and the deployment, going beyond the subjective questions which move the work and presenting the peculiarities of the productive chain in the dance in Porto Alegre (RS) city. The main contribution of the work is to evaluate and support the researchers-artists and researchers to talk about the researchers' aspirations.

Keywords: Choreographic composition, Performance, Period, Dance.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - O insuportável do corpo feminino	12
Figura 2 – Do abismo	15
Figura 3 – “Índia”, Lázaro de Oliveira”	19
Figura 4 - Lázaro de Oliveira ao lado de sua obra.....	19
Figura 5 – Casal (1991)	21
Figura 6 - Aquário de São Paulo	21
Figura 7 - As radicais da minha vida	27
Figura 8 - Linha do Tempo Menarca e seus desdobramentos 1 (2019)	30
Figura 9 - Linha do Tempo Menarca e seus desdobramentos 2 (2019)	30
Figura 10 - Linha do Tempo Menarca e seus desdobramentos 3 (2019)	31
Figura 11 - Linha do Tempo Menarca e seus desdobramentos 4 (2019)	31
Figura 12 - Linha do Tempo Menarca e seus desdobramentos 5 (2019)	32
Figura 13 – Corpo Político.....	37
Figura 14 – Start da criação.....	39
Figura 15 – Anotações.....	41
Figura 16 – Livro Carrie.....	42
Figura 17 – Sagração da primavera.....	48
Figura 18 – Início da performance.....	49
Figura 19 - Wushu.....	50

SUMÁRIO

1 NARRATIVAS FEMINISTAS	10
INTRODUÇÃO	
1.1 Encarando Tânatos	10
1.2 Não me empurra que eu já tô na beira	13
1.3 As radicas da minha vida	
1.3.1 Ramificada	18
1.3.2 Sapopema	22
2 AS PERGUNTAS CERTAS	29
METODOLOGIA	
3 MENARCA	35
DESENVOLVIMENTO	
3.1 Processo	37
3.1.1 Logos	38
3.1.2 O que é insuportável?	43
3.1.3 A monstruosidade do feminino	44
3.1.4 O pano, o balde, o sangue, o Balé e o Wushu	47
4 EU NÃO VOU, EU NÃO VOU, EU NÃO VOU CANSAR DE SER MULHER	52
CONCLUSÃO	
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	54

1 NARRATIVAS FEMINISTAS

INTRODUÇÃO

1.1 Encarando Tânatos

Pensei no quão desconfortável é ser trancada do lado de fora e pensei o quanto é pior, talvez, ser trancada do lado de dentro (WOOLF, p. 29, 1928).

Tenho um sonho recorrente, algumas imagens fortes que emergem de meu inconsciente, onde, no meio de uma exposição de artes encontro, em uma sala escondida no subterrâneo do prédio, uma mulher gigante, presa em um aquário. Um aquário IMENSO que é rigorosamente vigiado, guardado e preservado. Com auxílio de inúmeros profissionais pagos para manter tudo sob controle.

A mulher gigante?

Em um sono profundo.

Eu?

Sempre com o ímpeto e a missão de libertá-la sozinha.

Todas as vezes que tive esse sonho falhei miseravelmente. Não consegui resgatar a mulher de lá. Saía fugida.

E então... esse sonho virou rotina.

Durante milênios mulheres e pessoas ligadas a figura do feminino em vários lugares do mundo tem sofrido por isso, tem sido silenciada, presas e abafadas pelo fato de existirem. Descobrimo formas de sobreviver e se expressar as mulheres cis e trans, os homens trans, pessoas não binárias, gays afeminadas, intersexos, tem brigado e batalhado para que avancemos na história e consigamos diminuir e extinguir a desigualdade. Porém algumas estruturas ainda se repetem e se repetem no cotidiano das pessoas que fazem com que mulheres como eu se sintam aprisionadas, silenciadas, deslocadas e solitárias.

Algumas pessoas têm uma interpretação mística em relação aos sonhos e suas dicas divinas, como eu não acredito em deuses levo os meus sonhos para minhas sessões de terapia e lá descobri que os sonhos podem eventualmente carregar algo do seu inconsciente que querem vir à tona mas conscientemente isso pode ser doloroso de mais, e o mais complexo disso tudo é que geralmente as informações de sonhos são bem desconexas e aí é um dos momentos onde encaramos tânatos, o subconsciente, Thânatos ou mundo avernal, segundo o livro A Deusa Interior:

(...) na linguagem da psicologia moderna, seria chamado de inconsciente. De modo que Perséfone é aquela que foi sorvida não apenas pelo inconsciente, pelo desconhecido, por tudo o que é reprimido e sombrio (Freud), mas ainda mais profundamente pelo inconsciente coletivo, o mundo das potestades e poderes arquetípicos (Jung) (WOOLGER, 2007, p.182 e 183).

A reflexão provocada em mim pensando sobre esse sonho foi tão lenta e demorada pois não tinha certeza do que aquilo poderia dizer, então me vem Virginia Woolf novamente “pensei no quão pior é ser trancada do lado de dentro” (WOOLF, 1928, p. 29). E esse sentimento e vivência, presente, sensação de ser aprisionada, controlada, tabelada, não é algo exclusivo da minha existência. Mesmo nascendo branca, em uma família de classe média, ser uma mulher artista ainda é muito desafiador e nos expõe a uma vida bastante vulnerável.

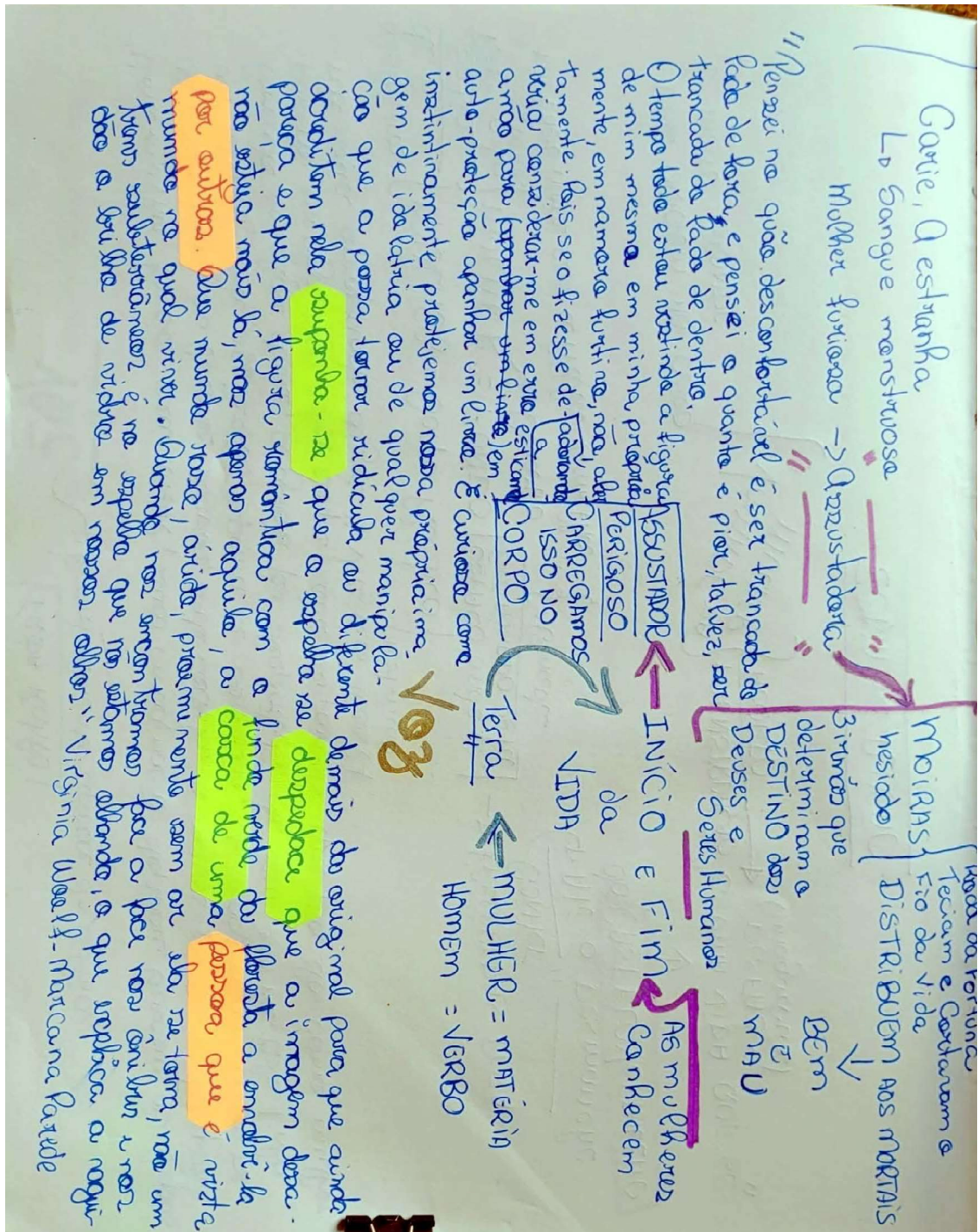
Então a referência da deusa da mitologia grega Perséfone vira um ponto essencial para construção de toda a pesquisa pois ao se relacionar com o âmbito do inconsciente, da linguagem e da semiótica essa deusa personifica em sua história a perseguição, o descaso e o ódio relacionado a muitas mulheres. A figura dessa deusa se relaciona com a da bruxa, morte, por ela ser a rainha do submundo onde iriam todas as almas após a morte.

O evento da menstruação é algo muito marcante e significativo na vida de quem tem útero e muitas tradições, etnias marcam a menarca, esse momento na vida da pessoa e da comunidade, em alguns locais marcam de forma extremamente negativa. Conseguir externalizar em uma pesquisa artística a menstruação e alguns de seus processos sociais, utilizando a memória dos sintomas da menstruação, vivências e pesquisas sobre a violência de gênero e dignidade menstrual ocupando um espaço de reflexão sobre o lugar e o peso que um órgão acaba definindo uma pessoa e a impede de viver por algo natural de seu corpo.

Me deparar com essa fala da Diana Corso (CORSO, Diana. O insuportável do corpo feminino. 2016) “Basta ser mulher e tentar parir alguma voz pra entender o que que nas mulheres faz tão difícil com que a gente encontre uma capacidade de nos narramos ou de narrar algo que não seja um mero pastiche do tudo que foi feito até então” nesta palestra, me fez despertar o olhar para dificuldade de parir minha própria voz artisticamente e como pesquisadora, e perceber o esforço necessário a ser feito para que pessoas que são marginalizadas pela misoginia e outros preconceitos, relacionados ou não, consigam falar e ser ouvidas. Eu como mulher cis branca serei privilegiada em algumas situações por conta da cor da minha pele, e como mulher sou convencida que sou “mais mulher” que muitas pessoas só pela cor da minha pele, serei usada como troféu, mas serei abusada, morta, ganharei menos, serei subestimada.

Portanto percebo que mesmo sendo um ponto de vista, ele pode ser uma pequena pincelada de tinta nesse imenso mural da academia. Não pretendo colocar uma perspectiva generalizadora, o trabalho de pesquisa de composição coreográfica e performática parte de uma vivência muito radical da minha vida e que após essa pesquisa para a criação, que vou narrar aqui, pude perceber o quão

Figura 1: O insuportável do corpo feminino



Fonte: acervo da autora (2018)

conectada eu estava em dor com outras mulheres e nem percebia. É incrivelmente triste perceber como determinados comportamentos se perpetuam século após século e muitos não querem pensar sobre isso, e seguem apenas repetindo num eterno ciclo.

Em enquete realizada pelo UNICEF em 2021 com 1,7 mil crianças e adolescentes que menstruam, 62% afirmaram que já deixaram de ir à escola ou a algum outro lugar de que gostam por causa da menstruação, e 73% sentiram constrangimento nesses ambientes (UNICEF, 2022, p. 1).

Refletir, dialogar e vivenciar as narrativas femininas e feministas presentes na performance e no Trabalho de Conclusão de Curso ajuda a registrar outros pontos de vista que não só o hegemônico, auxiliando a percepção da realidade da dança, da arte e da sociedade de forma mais abrangente, contribuindo e trocando colaborativamente com outros pesquisadores da área.

1.2 Não me empurra que eu já tô na beira

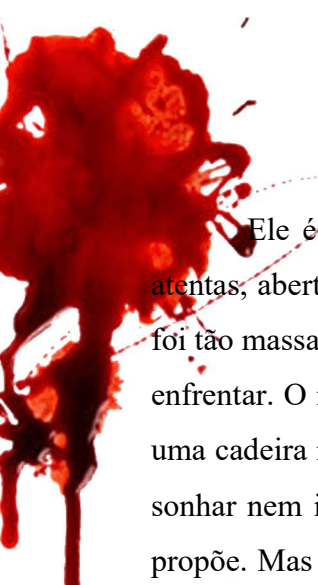
Escrever o TCC tem sido um desafio muito grande, estou na minha terceira tentativa em fazê-lo, a primeira tentativa foi em 2014 quando morava em Pelotas. E nesse último ano após pedir uma prorrogação, no semestre passado, aqui estou lutando para não desistir de mim diante da terceira oportunidade. Questiono-me quais seriam os motivos da imensa dificuldade em mergulhar no processo da performance Menarca? E para além de processos individuais e catárticos emerge uma questão, será que essa gritante dificuldade de falar sobre o processo está relacionada a não validação dos discursos femininos e feministas? As palavras ditas pelas mulheres... Rosa Montero (2008), na Introdução do livro *História de Mulheres*, sob o título *A vida invisível*, escreve:

Há séculos, o ser humano começou a perguntar-se por que as sociedades diferenciavam a tal ponto os dois sexos em matéria de hierarquia e funções. Uma ou outra mulher especialmente intrépida já se havia feito essas perguntas, como, por exemplo, a francesa Christine de Pisan, que em 1405 escreveu *A cidade das mulheres*; mas foi preciso que viessem o positivismo e a morte definitiva dos deuses para que os habitantes do mundo ocidental desdenhassem a imutabilidade da ordem natural e comesçassem a pergunta massivamente sobre o porquê das coisas, curiosidade intelectual que forçosamente teve de incluir, apesar da resistência apresentada por muitos e muitas, os numerosos porquês relativos à condição da mulher: diferente, distante, subjugada (MONTERO, 2008, p.9).

Pensar sobre o motivo, a razão pela qual a menstruação é algo tão horrível e tão abominável me fez olhar e ainda me faz olhar, nesse exato momento enquanto escrevo essas palavras estou

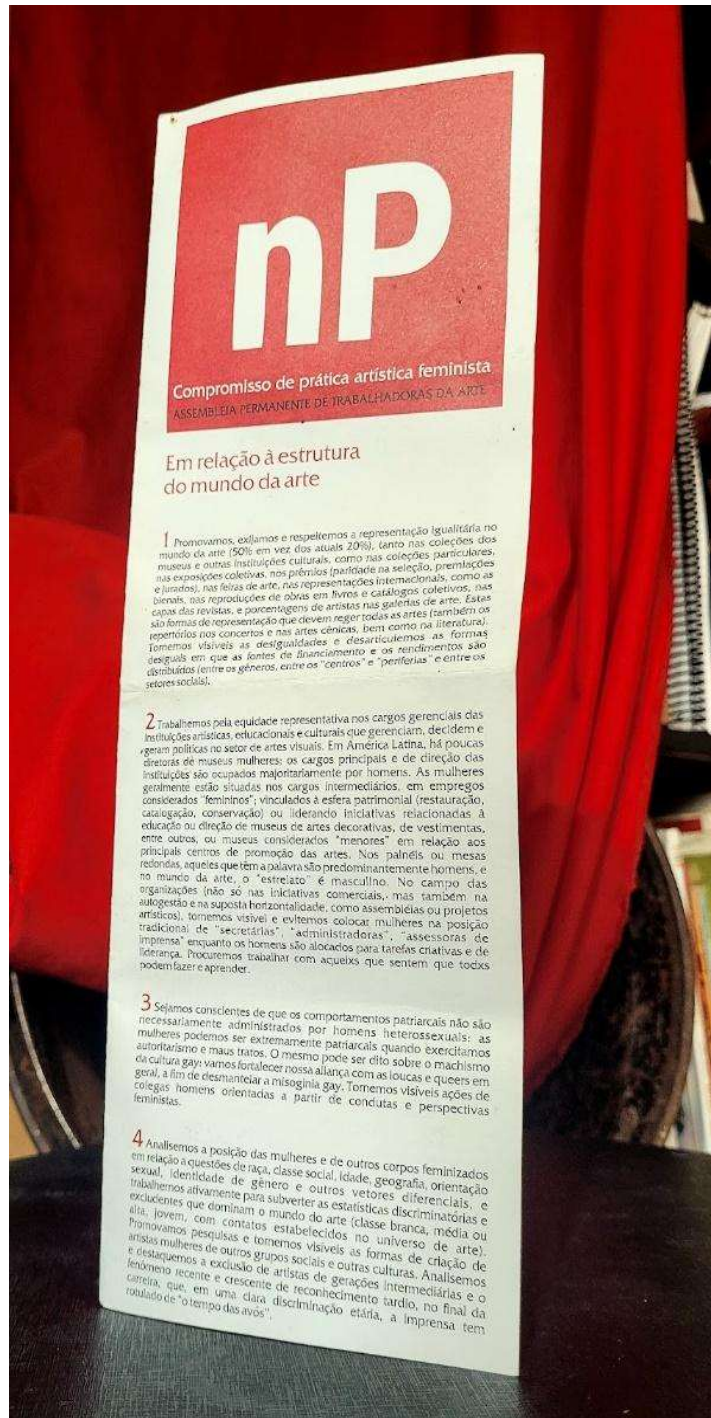
encarando o abismo, um vazio tão grande dentro de mim que ecoa e atravessa quaisquer fronteiras, ou seja, ele olha de volta para mim, assim como Nietzsche afirma em “Além do Bem e do Mal”:

Quem deve enfrentar monstros deve permanecer atento para não se tornar também um monstro. Se olhares demasiado tempo dentro de um abismo, o abismo acabará por olhar dentro de ti. (NIETZSCHE, 2001, p. 89).



Ele é compartilhado e sentimos também, sentimos a dor uma das outras quando estamos atentas, abertas a criar e recriar essa imagem de referência feminina em toda a sua diversidade que foi tão massacrada. Entretanto, é preciso muita resiliência para lidar com um assunto tão delicado de enfrentar. O mais curioso e complexo desse processo é não me sentir merecedora de um espaço ou uma cadeira na minha colação de grau da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, não consigo sonhar nem imaginar tal feito. Me sinto muito aquém do que uma universidade, do que a ciência propõe. Mas por que essa insegurança tem ligação com o trabalho de conclusão de curso? Por que entender essa insegurança está diretamente ligado a todo o processo da criação da Menarca? Chegou a hora de reivindicar e assumir a minha voz, neste lugar da escrita acadêmica. A minha dança irá indicar os caminhos. As palavras aqui têm carne e sangue. São palavras de uma mulher.

Figura 2: Do abismo.



Fonte: Panfleto Assembleia permanente das trabalhadoras em arte (2017).

À essa altura já é possível perceber que a trajetória dessa performance se confunde em vários aspectos com a minha caminhada pessoal, que vai além da artista, professora. Principalmente na percepção de um auto ódio que desenvolvi e cultivei pela figura feminina ao longo de 25 anos. Há uns 3 anos tive acesso a um panfleto de 2017, vermelho e branco que diz em seu cabeçalho “Compromisso de prática artística feminista” da Assembleia Permanente de Trabalhadoras da Arte (Figura 2).

Ele está organizado em 37 tópicos de práticas a serem observadas e executadas em cinco grandes aspectos que atravessam a vida de uma trabalhadora da arte, evitando assim, que o patriarcado e a misoginia sejam as balizadoras das relações no meio artístico. E um dos aspectos que mais me chamou a atenção foi “Em relação aos comportamentos no mundo da arte” onde no item 11 está dito assim: “Não sintamos vergonha, nem permitamos que nos façam sentir vergonha pelas questões que nos interessam e nos envolvem. A vergonha é uma das estratégias patriarcais que silenciam a nossa possibilidade de investigar as questões que nos interessam”. E logo mais abaixo no item 13: “Escutemos e compartilhemos experiências porque o pessoal é sempre político. Fomentemos a amizade entre as mulheres. Contra o corporativismo machista, promovamos a solidariedade entre mulheres (sororidade)” (ARTÍSTICAS, 2017, p. 2).

Hoje, com a cabeça de 2023 incluiria nessa solidariedade outres¹ diferentes, outres gêneros e sexualidades que são perseguidas pela heteronormatividade e é onde se onde se despeja todo e qualquer tipo de violência. Relendo esse panfleto, e observando a imensa dificuldade em escrever o TCC, fica evidente uma insegurança, uma fragilidade, e grande parte dessa insegurança não vem somente da minha família ou traumas específicos da ordem privada, mas sim de uma sociedade que constantemente nos lembra e garante de maneiras violentas que cada um cumpra exatamente o papel que nasceu para cumprir. Por eu nascer com uma vagina, um útero, ovários fui direcionada, condenada e amaldiçoada ao feminino.

Esse sentimento tão forte, com essas palavras igualmente pesadas que ecoam, lá do fundo do abismo me fizeram encontrar uma palestra que se intitula “O Insuportável do Corpo Feminino”, um nome tão provocador quanto o conteúdo, pois dali garimpei inúmeras referências e consegui compreender vários processos da minha experiência enquanto mulher cis branca bissexual pobre.

Nasci branca em uma família classe média, onde a minha cor e o dinheiro garantiram alguns privilégios, mas não tinha o dinheiro suficiente para ter determinados acessos, e isso foi fundamental

¹ “A ideia da linguagem não binária, portanto, não seria neutralizar os gêneros, mas trazer uma língua mais inclusiva, atendendo a uma demanda de representatividade da comunidade LGBTQIA+” (ABE, 2021, p. 1).

para constituir a artista, pessoa que sou hoje, a minha classe social definiu meu futuro, assim como o meu gênero e sexualidade, ainda mais porque tinham alguns comportamentos durante a infância que me colocavam em um lugar “fora do padrão”, fora da norma sem eu ao menos compreender direito no que consistia esse padrão que chamamos de heteronormatividade.

Gestar um texto que fale sobre uma pesquisa artística que investiga o tabu da menstruação exige um movimento interno forte para conseguir ultrapassar a catarse e mergulhar dentro de si tão profundamente a ponto de dar a volta e conectar com o todo, a algo maior, quase como virar do avesso. Será que é possível chegar até o fundo do abismo e cavar para além dele, sair do outro lado? Acredito que todo esse processo da performance Menarca que inicia com uma pesquisa e necessidades pessoais e que ao longo de quatro anos se transforma em uma pesquisa performática e agora caminha para essa pesquisa acadêmica sobre a luta e busca por libertar a minha voz artística e científica dessas amarras e crenças socialmente construídas e que provocam o sofrimento da grande parte da população que habita esse planeta.

O meu “paraíso”?

Alcançar um título acadêmico refletindo sobre um trabalho artístico meu que inclui questões pessoais minhas?

Não...

Viver de arte, com segurança e dignidade.

acho que é por aí...

1.3 As radicais da minha vida

1.3.1 Ramificada

Aprendi com uma amiga muito querida, Perla Santos², que a gente deve honrar quem veio antes da gente as nossas raízes, pois sem essas raízes não estaríamos aqui. Quando recebi a provocação de me apresentar, em uma aula de dança afro-brasileira, buscando rememorar as pessoas que vieram antes de mim e que me contemplavam, a primeira pessoa que veio a minha cabeça foi a minha irmã e logo depois a minha mãe, essas duas mulheres que me apresentaram o mundo. Elas também foram quem me apresentaram ao mundo da dança e foi na família da minha mãe que o meu maior aprendizado artístico aconteceu, pois ir à casa da minha vó e encontrar as minhas primas para brincar de dançar era meu passatempo preferido. Colocávamos o aparelho de som na garagem da minha vó ou do meu tio e dançávamos ali mesmo na rua na Vila Sorocabana em Guarulhos e toda vez que vinha um carro era uma correria para não ser atropelada. Criar coreografias era uma das nossas brincadeiras mais comuns dentre o “polícia e ladrão”, “jokenpô” e “mãe da rua”.

Tudo que envolvia dançar envolvia muita diversão nos finais de semana, e durante quatro vezes na semana havia as aulas regulares de Jazz e sapateado, no início, e o balé algum tempo depois. A veia artística mais aparente na minha história sempre foi a da família de minha mãe, que apesar de três filhos, a faculdade de direito e seu estúdio arrumava tempo para desenhar em panos de prato e fazer toda a decoração das nossas festas de aniversário. Quando íamos para a terra natal de sua mãe, na cidade de Piracicaba, eu amava observar meu tio Lázaro³ construindo suas esculturas e ouvir explicando sobre elas e toda a sua trajetória como metalúrgico inventor e artista, onde toda a família ficava atenta, fascinada com aquela experiência e sabedoria, mas sempre na expectativa de ganhar alguma escultura de presente.

²Graduada no Curso de Licenciatura em dança pela UFRGS, professora da rede municipal de Porto Alegre, fundadora e coordenadora do Movimento Meninas Crespas da Restinga, idealizadora do jogo Bafo Afro e do site de vendas Perla Santos (Site de produtos Afros, em parceria com Ricardo Cury Digital), integrante do Grupo Experimental de dança de Porto Alegre (GED) e pesquisadora das danças e história negra em considerada, pela marca Boticário, uma das 5 mulheres que fazem a diferença no Brasil, no ano de 2019.

³ Escultor, iniciou atividades em artes plásticas aos 63 anos de idade. Suas obras são resultado do trabalho detalhado na madeira, especificamente o ipê-roxo, e na pedra sabão. Trabalha com ferramentas de fabricação própria, onde procura aliar o efeito conseguido com o ideal a ser atingido.(A PROVÍNCIA, 2009, p. 1).

Figura 3 - "Índia", Lázaro de Oliveira



Fonte: A província, 2009.

Figura 4 - Lázaro de Oliveira ao lado de sua obra



Fonte: acervo da autora

O que também me causava fascínio era ver que meus primos que tinham essa relação forte com a arte, a radicalidade e a insubordinação. Lee Oliveira (Luis Carlos Oliveira)⁴ e o Lajur Oliveira⁵ (Lázaro de Oliveira Junior) são primos da minha mãe em primeiro grau e eles muito cedo começaram a se envolver com arte. Como morei em Guarulhos até os 10 anos conseguia visitar a família da minha mãe em Piracicaba com certa frequência, e a minha família adora uma festa e sempre havia festas de halloween na casa dos meus tios e meus primos transformavam a casa em um cenário de terror, maquiavam a gente para testar make artística de cortes e ralados.

Mas quem me puxava para dançar e me ensinou um pouco do que sei de dança de salão foi meu primo Carlos Alberto que é irmão do Lee e do Lajur e meus pais que mesmo reclamando da bagunça, adoravam fazer uma festa para ficar dançando a noite inteira, principalmente na casa dos vizinhos. Revisitar um pouco da história e raiz artística da minha família me auxiliou a compreender por que no meu momento das criações, as mais urgentes e necessárias para a existência e por isso acabam se concretizando, demorei a perceber o quanto os trabalhos individuais que realizei expressam de forma muito subjetiva sobre temáticas femininas e feministas. As mulheres foram as responsáveis pela minha educação na dança no nível técnico, artístico e filosófico afetando de maneira tão significativa que reverberam até hoje nem sempre só de coisas positivas traumas também fazem parte dessa formação.

⁴"20 anos trabalhando com artes plásticas, Luis Carlos de Oliveira, conhecido como Lee Oliveira, inova o universo da cenografia brasileira com a conquista do recorde homologado pelo RankBrasil, de Primeiro artista plástico em cenografia aquática. Desde 2007 Lee é responsável pela cenografia aquática do Aquário de São Paulo."(Rank Brasil, 2008, p. 1).

⁵ "Mais conhecido como Lajur, o artista teve contato com artes plásticas ainda criança, esculpindo argila e pintando a óleo sobre tela, no atelier de Áurea Pitta Roch. Desenvolveu várias técnicas para realizar suas peças, como bronze (fundidos por ele próprio), fibra, resina acrílica, borracha (latex), além de contar com a tecnologia para a realização de obras de arte como a robótica, a animatrônica e a computação gráfica" (PROVÍNCIA, 2009, p. 1).

FIGURA 5: Casal – 1991



Fonte: A província, 2009.

Figura 6: Aquário de São Paulo



Fonte: Blog Passaporte Digital.

1.3.2 Sapopema⁶

Eis que a ponte mais forte que liga a dança a minha família e as mulheres foram as que guiaram a maior parte da minha caminhada na dança a primeira delas é a minha irmã, que fazia aulas de dança e como eu sempre estava com a minha mãe, porque o meu pai era professor do estado de São Paulo e trabalhava o dia inteiro, ao ir buscar a minha irmã junto com a minha mãe, comecei a pedir para fazer as aulas na Escola de Dança Rita Camilo. Mas passei pouco tempo na Rita, minha professora Araci Guerra abriu sua própria escola e nós, eu, minha irmã e minha mãe, fomos com ela. Araci foi aluna de Araci Evans⁷ uma grande professora de São Paulo que foi celebrada como artista e maitre, também foi aluna de Eduardo Bonnis⁸, ela foi minha professora durante 6 anos, comecei a dançar com 3 anos e aos 9 anos me mudei para o interior. Mas o aspecto que mais me marcou e que me lembro até hoje era a sua forte presença e como ela era uma mulher brava e exigente, sempre buscava o melhor em nós, apesar de as vezes ser muito rígida. Ela nunca me desencorajou, sempre me estimulou e aprendi muito com ela, trazendo essa referência sobre fazer as coisas bem-feitas mesmo que doa, que seja extremamente difícil. Mas quando mudei de cidade a minha vida tomou um outro rumo que impacta na minha caminhada até hoje.

Adubo ou veneno?

O ano era 2002 e nós estávamos todos apertados, dentro de um carro com 5 cachorros e três adolescentes de mudança para uma cidade nova, e cheia de novos desafios, principalmente a falta de acesso, enquanto em Guarulhos as coisas chegavam mais rápido no interior os processos eram muito mais lentos e conforme eu fui crescendo naquele lugar eu fui me sentindo cada vez mais deslocada pela dinâmica nociva em que as mulheres no meu contexto social eram tratadas todas eram vigiadas o tempo todo e sempre se sabia o que estava se passando na vida sexual da maioria delas.

⁶ A raiz sapopema, é extensa, achatada e ligada ao tronco, sendo a principal característica da espécie. Em contato com outros objetos, emite uma sonoridade que auxilia na comunicação e orienta as pessoas que transitam nas florestas (MACIEL, Mayara, 2016).

⁷ “Reconhecida como a professora das professoras, recebeu em Londres o título de Maitre de Ballet pela Royal Academy of Dance e é membro da Royal Academy of Dance desde 1972. Durante 40 anos foi professora da Escola Municipal de Bailado de São Paulo, sendo responsável pela formação de várias gerações de bailarinos, professores, coreógrafos e educadores. Dançou no Ballet do IV Centenário, no grupo de dança Teatro de Revista e fez muitos programas de televisão”(SÃO PAULO CIA. DE DANÇA, 2023, p. 1).

⁸ Bailarino, professor, coreógrafo e repositor, recebeu em 1995, no Grand Prix Brasil de Dança foi premiado como Melhor Direção e Melhor Coreógrafo. Está há 26 anos atuando na Cia Estável Promodança, como coreógrafo convidado, passando fazer parte do quadro definitivo artístico da Cia (PROMODANCA, 2023, p. 1).

Além de tudo as aulas de dança também começaram a ser menos acessíveis pois tínhamos que viajar para a cidade vizinha e só conseguíamos fazer aula de balé porque não havia escolas de outras modalidades, além do gasto com o transporte. Mas apesar de todas essas barreiras a escola era muito séria, mas elitista e tinha uma profunda ligação com o cristianismo o que me levou a vivenciar situações constrangedoras de julgamentos por eu ter comportamentos, considerado pelas professoras masculinos, eu sentia uma cobrança para ter determinados comportamentos porque eu era uma bailarina clássica e deveria ser mais educada, mais contida, quieta.

Essa escola foi uma das que aprofundou a depressão que luto todos os dias atualmente, pois ela alimentou meus maiores pavores de rejeição e abandono havia uma camada de elitismo que hoje consigo perceber, as cobranças, falta de empatia por eu apenas não ter dinheiro. Então a técnica clássica vai se afirmando por afetos negativos e passados através de mulheres que são tão competentes e batalhadoras, mas que reproduzem o machismo e acabam por perpetuar esse sistema que só destrói mulheres e figuras que são relacionadas ao feminino.

Leila Ortiz e Vanderley Silva dois professores meus na cidade de Marília foram alunos de uma professora muito famosa do balé no Brasil a Dona Toshie Kobayashi de quem eles compartilhavam histórias contraditórias que misturavam um medo, com um fascínio, andando em uma corda bamba entre o carinho e cuidado e situações de descontrole. Especulações a parte o que foi vivenciado foi uma educação muito rígida na dança com a qual já estava “acostumada” desde a minha primeira escola com os gritos, as brigas por eu não conseguir ficar muito tempo parada.

E foi nessa escola que eu aprendi a ser professora e bailarina, aos 15 anos estava estagiando em troca de uma bolsa para dançar e quando terminei o ensino médio ofereceram uma vaga de professora, assumindo a escola enquanto a minha professora se mudaria para a cidade de São Paulo, apesar de eu ficar um ano nessa rotina de professora dessa escola eu sentia que queria mais e acabei mudando os planos e me inscrevi em Dança Licenciatura na Universidade Federal de Pelotas-UFPel no SISU do ano de 2011, e eu acabei passando.

1495 Km de caminhada

Chegar em Pelotas para iniciar a faculdade foi uma quebra de paradigmas em todos os sentidos, pois na Universidade tive contato com inúmeras professoras e referências e depois de seis meses da minha chegada na cidade conheci uma escola com a qual eu não tinha ideia da importância no cenário nacional. E novamente é um ambiente que é dominado por mulheres fortes e desbravadoras, a Escola de Ballet Diclea Ferreira de Souza e o Grupo Ballet de Pelotas, carregado

por Dicléa e Daniela Ferreira de Souza, mãe e filha respectivamente. Nessa escola tive que voltar do básico e aprender o balé agora sobre o olhar de outra metodologia, mas com rigor técnico bem alto, onde percebo um desenvolvimento corporal e profissional mais forte, foi com o Grupo Ballet de Pelotas onde havia essa exigência, mesmo sem o retorno financeiro ideal, com esse grupo ganhei meu primeiro cachê dançando balé clássico e consegui negociar de não ter que pagar para dançar, o que considero uma vitória para a minha mentalidade da época.

Paralelamente ao balé vivenciava a UFPel na qual o campus onde o curso de dança estava inserido era em um bairro onde a maioria dos prédios que se alternavam com algumas casas eram dos cursos de ciências sociais, filosofia, teatro, dança, cinema, música, pedagogia, artes visuais, o que promovia a integração e o intercâmbio de saberes quando saímos para tomar um café depois da aula, quando estávamos saindo da aula de noite para não ficarmos desprotegidos, o que inclusive teve um efeito interessante para mim, pois cultivei amizades no curso de teatro que resultaram em alguns projetos e colaborações artísticas com esses amigos, como por exemplo Luciana Rassweiler que na sua performance “Baderna” me convidou para operar o som para ela e foi um aprendizado incrível sobre performance combativas, extremamente provocadoras e em espaços não formais.

O ponto forte da minha formação realizada na UFPel foram as disciplinas em que cruzei com a Professora Doutora Alexandra Dias, ela sempre foi provocadora e nos tirava da zona de conforto o tempo todo, ela me apresentou a antropologia teatral, que é uma pesquisa em que se busca algumas indicações possíveis para construir bases materiais para o trabalho e Eugênio Barba sendo um de seus grandes pesquisadores e precursores, como ele mesmo aponta no livro *A Arte Secreta do Ator*:

A antropologia teatral não busca princípios universais, mas indicações úteis. Ela não tem a humildade de uma ciência, mas uma ambição revelar conhecimento que pode ser útil para o trabalho do ator bailarino. Ela não procura descobrir leis, mas estudar regras de comportamento (BARBA, 2012, p. 8).

Eu tento estar atenta as falas e escritos nesse viés que deixam o meu corpo totalmente presentes e disponíveis nas práticas e técnicas que acompanham meu trabalho como artista desde então. Também foi com a Alexandra que comecei a pesquisar sobre performance e a pensar mais sobre borrar as fronteiras entre a dança e as outras linguagens artísticas sem o pudor de estar transitando por poéticas, pensando sempre no intuito provocador de realmente dialogar com as pessoas que vão fruir ou ser atingidas pelo nosso trabalho.

Enfim...Porto Alegre, ou quase

As caminhadas artísticas me levaram para muitos lugares, como Marília, Pelotas, Gramado e finalmente Porto Alegre onde ainda resido e tenho tecido e construído redes e desenvolvido laços com artistas incríveis, apesar dos obstáculos sociais e econômicos e de gênero, onde um relacionamento tóxico acabou limitando algumas relações, infelizmente faltaria espaço para nomear a todos os atravessamentos incríveis que têm construído e impactado toda a minha história nessa cidade.

Em Porto Alegre a realidade foi um pouco diferente, pois morava na região metropolitana em um local chamado Vila Elza, que é uma vila entre a cidade de Viamão e Alvorada com um acesso bastante difícil, considerado zona rural dentro da cidade de Viamão. E essa distância foi responsável por me expor a uma série de violências e vulnerabilidades por eu estar desempregada, o que foi diretamente responsável por provocar a construção da performance Menarca, a dificuldade financeira me deixou em situação de indignidade menstrual, logo eu que tenho bastante dificuldades no equilíbrio da saúde menstrual, com fluxo intenso, cólicas fortíssimas, fraqueza extrema e quadros de depressão profunda. O que auxiliou mais ainda a minha reclusão e dificuldade de me inserir na cena artística da cidade.

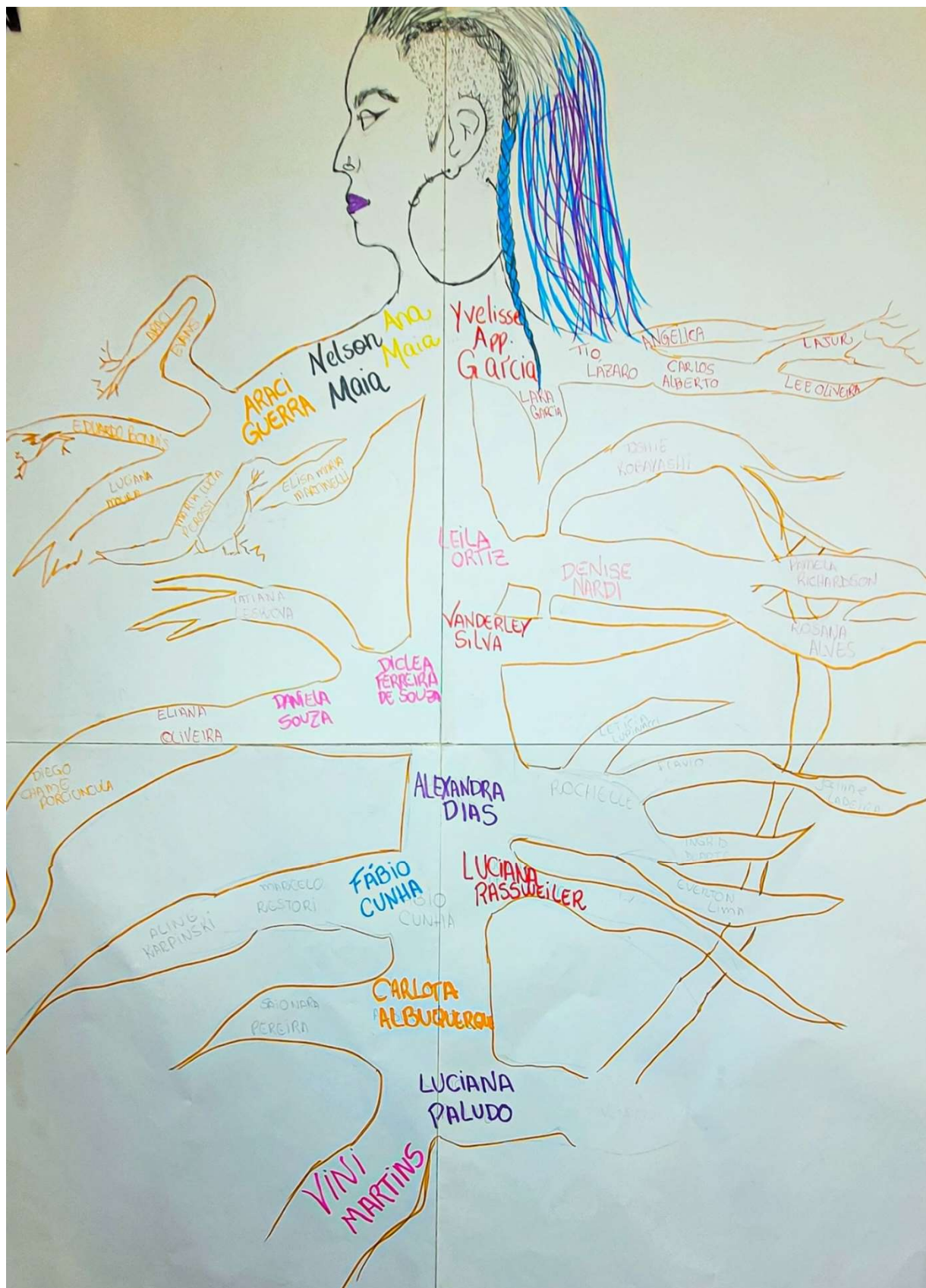
Havia a UFRGS que eu tinha transferido da UFPEL, porém só começava em 2015, me mudei no final de 2014 com um contrato para um projeto da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre onde trabalhei com o diretor Marcelo Restori e o Fábio Cunha na assistência de direção, esse foi um dos seis trabalhos que fiz com esses artistas que dialogava bastante com a linha de trabalho da minha antiga professora Alexandra, bebiam na mesma fonte. Só que o grande aprendizado desses trabalhos foi a experiência de se trabalhar em um grupo, ser propositivo, pensante não só executor, além de artisticamente perceber possibilidades e momentos de troca com o espectador, como performar na rua, como estabelecer um jogo entre artistas e público.

Ao mesmo tempo em que trabalhava com o Falos & Stercus e mais tarde no Coletivo Teatro da Crueldade, a universidade também promoveu vários encontros potentes com colegas do curso e professores como Luciana Paludo, Jean Netto, Carla Vendramin que me desacomodaram de tal forma que houve desdobramentos que atravessaram o muro da universidade e foram para outros espaços. Trabalhos tão potentes, pois, com um pouco mais de maturidade, consegui aproveitar o espaço da disciplina para produzir artisticamente, pois se eu não aproveitasse aquele momento não haveria espaço para expressar as ideias do meu jeito. Pois quando se trabalha em grupo, é a vontade do grupo

que prevalece, muito dificilmente se atende a necessidade criativa de uma pessoa só, configurando dois processos artísticos bem distintos.

Olhar para as radicais da minha história provocou belas surpresas como ter professoras de São Paulo em comum com pessoas aqui do Rio Grande do Sul, mas despertou instigou mais ainda o fato de as minhas maiores referências na dança serem mulheres, o que acabou por me levar em um caminho que trabalha essas temáticas que atravessam a existência de mulheres cis, trans, pessoas não-binaries, intersexo que tem uma essência tão insuportável para essas sociedade que vai nos subjugando, empurrando a ter atitudes que oprimem outras pessoas em nome de uma aparente ordem e manutenção de um status quo que caça e elimina as nossas existências pelo poder, pelo dinheiro, pela herança patriarcal.

Figura 7: As radicais da minha vida



Fonte: Acervo da autora

TRIPA- AXIAL

Rita Camilo

Araci Guerra (Araci Evans, Maria Lucia Perossi, Eduardo Bonnis , Elisa Maria Martineli)

Mudança para o interior

viajar para fazer aulas

Disparidade financeira

Início do sentimento de INADEQUAÇÃO MUUUUITO forte

Leila Ortiz (Dona Toshie Kobayashi)

Rosana Alves

Denise Nardi (Rosalina Tanuri, Leila Ortiz)

Vanderlei Silva (Toshie Kobayashi)

Pamela Richardson

O Sul - ÍNICIO DA CARREIRA PROFISSIONAL

Satolep

Dicléa Ferreira de Souza

Daniela Souza

Eliana Oliveira

Diego Chame Porciúncula

Alexandra Dias

Flávio de Lima

Luciana Rassweiler

Ingrid Duarte

Everton Lima

Leticia Lupinacci

Jainne Ladeira

Carlos Prado

Porto Alegre...tchau!

Fábio Cunha

Marcelo Restori

Aline Karpinski

Carlota Albuquerque

Saionara Pereira

Luciana Paludo

Carla Vendramin

2 AS PERGUNTAS CERTAS

METODOLOGIA

É importante jogar o jogo da Universidade, mas também subvertê-lo. (REY, Sandra. 2002. p.139)

Mergulhar fundo através da memória, rastros e registros deixados ao longo de 4 anos de pesquisa para construção e reconstrução da performance Menarca, apresentada em dois eventos, e seus desdobramentos, uma *live* sobre a dignidade menstrual, 2 vídeos-performance e agora esse TCC, o processo em toda sua extensão foi provocador. Mas vamos começar do início, quando decidimos, eu e minha orientadora Luciana Paludo, após eu postar, no Instagram, fotos e vídeos da segunda apresentação da performance Menarca realizada no Parque da Redenção na Feira Foca nas Gurias, projeto de feiras de exposição e venda exclusiva para produtos de mulheres empreendedoras.

Lu entrou em contato comigo e questionou: “por que não falamos sobre esse teu trabalho no teu TCC?”, e como foi exposto anteriormente, essa proposta provocou inúmeros conflitos internos que se chocaram com as construções sociais, a dificuldade de enxergar a relevância e seriedade de um trabalho como esse. A possibilidade de relacionar a minha caminhada artística e a acadêmica está sendo uma caminhada fascinante e uma descoberta, pois o meu processo de construção de uma obra por mais que possua um método envolvendo muita obsessão, pesquisa, livros, imagens, teóricos ela tem uma intenção provocadora, diferente dessa pesquisa do TCC que busco olhar de um outro ponto de vista, dialogando com outras pessoas e ir farejando as estratégias usadas para dar vida a Menarca disputando um espaço narrativo importante.

A pesquisa não termina com a produção de uma obra. [...] Assim, o projeto de pesquisa não para aí: ao contrário, o sujeito pesquisador descobre que algumas perguntas iniciais conduzem a outras, pois, ao longo de sua vida, cria pesquisa em uma corrente contínua, passando de um objeto de estudo a outro; da formulação de um problema a sua rearticulação e, finalmente, transformando-o em algo novo e transformando a si mesmo de novo (ROYO, 2022, p. 543).

A ponte entre a pesquisa acadêmica e artística acabou se alargando e reforçando através de alguns rituais realizados por mim que facilitaram a minha pesquisa nesse trabalho pois, eu tenho o costume de registrar todos os meus processos acadêmicos, artísticos e pessoais em cadernos grandes de tamanho A4, sem pauta, onde registro aulas da faculdade, desejos artísticos, planejamentos de trabalho/projetos para editais, desenhos, croquis, reflexões e referências para o presente/futuro, ou seja, um Diário do meu processo enquanto artista. Então a primeira etapa proposta pela orientadora

foi reunir os materiais referentes a essa performance, construir uma linha do tempo desse trabalho quando ele começou e quais foram os desdobramentos?

Figura 8: Linha do Tempo Menarca e seus desdobramentos 1 2019



Fonte: Acervo da autora (2022)

Figura 9: Linha do Tempo Menarca e seus desdobramentos 2 2019



Fonte: Acervo da autora (2022)

Figura 10: Linha do Tempo Menarca e seus desdobramentos 3 2020



Fonte: Acervo da autora (2022).

Figura 11: Linha do Tempo Menarca e seus desdobramentos 4 2021



Fonte: Acervo da autora (2022).

Figura 12: Linha do Tempo Menarca e seus desdobramentos 5 2021



Fonte: Acervo da autora (2022).

Desenhar essa linha do tempo permitiu visualizar quais foram os caminhos e os cursos que a performance foi tomando, as alterações e aprofundamentos com o passar do tempo e da demanda da vida real, pois essa performance foi atravessada pelo Covid-19. Após desenhar essa linha do tempo, tive uma aula na faculdade sobre preparação corporal para dança onde refletíamos sobre a sistematização de uma metodologia que auxiliasse a enxergar e compartilhar as experiências criativas e científicas da dança com outras pessoas que se interessam pelo assunto. Não por acaso essa aula foi ministrada pela minha orientadora e prontamente anotei tudo o que estava sendo discutido.

Em uma de suas falas ela sugere que pensemos esses conhecimentos e conteúdos pesquisados e coletados, sendo categorizados e separados, como se fossem livros e objetos em uma prateleira. Paralela a essa aula recebi também a indicação da leitura do artigo da Priscilla Pessoa, Eluiza Bortolotto Ghizzi sobre a crítica genética aplicada a uma pesquisa chamada “Crítica Genética e documentos obtidos no Instagram: estudo de caso a partir do perfil da artista Ana Elisa Egreja”. Unindo essas duas provocações usei o artigo como um guia para começar o meu processo de análise dos documentos da gênese da minha pesquisa, mas logo em seguida precisei ir direto na fonte, lendo Cecília Salles. A crítica genética deu um grande suporte para conseguir sistematizar o meu olhar deixando-o atento a como foi o processo e o que ele despertou e articulou para as narrativas feministas estarem presentes na performance.

Para iniciar o processo abri um google drive⁹, onde é possível colocar documentos e compartilhar com as pessoas em tempo real, criei uma pasta para o TCC e dentro dessa outra pasta chamada *Pistas de um processo*. Reuni todos os meus cadernos e livros utilizados na época da criação da Menarca, no chão da sala e comecei a pegar o caderno de 2018/2019/2020 até o meu atual caderno de 2021/2022/2023 e sinalizei as páginas, com marcadores adesivos, tudo o que tinha relação com o TCC e a performance Menarca. Como observa Cecília Salles em seu livro sobre a crítica genética. O trabalho de observar e tecer relações entre os documentos começou em conjunto com a construção do dossiê genético pois tinham algumas páginas que não estavam ligadas diretamente a performance, mas informações e reflexões que auxiliaram no resultado da performance e seus desdobramentos, referências subentendidas e outras muito evidentes na construção poética da Menarca, pois como muito bem apontado por Cecília Salles os documentos de processos também possuem uma função:

[...] de registro de experimentação, deixando transparecer a natureza indutiva da criação. Nesse momento de concretização da obra, hipóteses de naturezas diversas são levantadas e vão sendo testadas. São documentos privados que são responsáveis pelo desenvolvimento da obra. São possibilidades de obras (SALLES, 2008, p. 21).

Depois fotografei todas as páginas sinalizadas e as coloquei na pasta “Pistas de um processo”, em uma subpasta “anotações dos cadernos”, e nomeei cada foto pela ordem cronológica em que elas aparecem nos diários de processo, totalizando 27 fotos, mais 2 fotos da carta do Eugênio Barba para seu ator e 1 foto do panfleto da Assembleia Permanente de Trabalhadoras das Artes, que entrou mais tarde na coletânea. Como na proposta inicial iria analisar os desdobramentos da performance eu criei mais algumas subpastas: “Registro- ensaios”, “Menarca| Vídeo Dança Performance”, “GABRIELA MAIA - MENARCA EDITAIS EMERGENCIAIS DE AUXÍLIO À CULTURA DA PMPA”, Fotos performance 1 e “A invenção da histeria - Charcot e a iconografia da Salpêtrière”.

Cecília Salles (2008) faz a seguinte observação:

Não se pode negar o fato de que mesmo essa fase de preparação dos documentos já está encharcada do propósito geral da pesquisa. O recorte do material já é feito, de certo modo, em função do que nele procuramos, associado àquilo que somos capazes de ver (SALLES, 2008, p.32).

Portanto o trabalho de pesquisa me permitiu organizar esses materiais apontados, como fotos de anotações, material para divulgação, vídeos de ensaio. Permitiu traçar alguns caminhos e encontrar algumas pistas sobre esse processo criativo da performance, como por exemplo a inclusão de alguns

⁹ Serviço de armazenamento e sincronização de arquivos online da empresa Google.

objetos acarretaram na adaptação da movimentação coreográfica. Também percebi o quanto a minha memória sensorial foi fundamental para criar a cena de abertura da performance.

Infelizmente faltou espaço para o aprofundamento nos outros desdobramentos, pois conforme fui investigando a criação percebi que seria necessário abrir outras portas para abordar as vídeo-performances, suas poéticas e estéticas correndo o risco de fazer um trabalho aquém do que deveria. Deixo aberta, assim, a possibilidade de seguir investigando essas pistas e esse processo que aborda uma temática tão rica e importante, assim como observa Sandra Rey:

Para o artista, a obra é, ao mesmo tempo, um "processo de formação" (p.59) e um processo no sentido de processamento, de formação de significado. É nessa borda, entre procedimentos diversos transpassados por significações em formação e deslocamentos, que se instaura a pesquisa (REY, 2002. p.126).

O livro *Amargo Perfume* (LEAL, 2012) me inspirou como narrar, nessas páginas, a minha construção artística da performance; discorrer sobre o tema da pesquisa, que são as narrativas feministas em uma criação em dança e, depois, para destrinchar tecnicamente os conceitos estéticos e semióticos utilizados para dar vida a esse trabalho. Percebi que a composição da performance *Menarca* abarcou aspectos multidisciplinares, os quais se relacionam tanto com o campo da composição coreográfica, quanto com o campo da história das mulheres. Essa percepção impactou na construção da performance. Senti, ao realizar a performance (pela lembrança que tenho da reação das pessoas que assistiram) que pude contribuir um pouquinho nessa construção da história das mulheres, pelo fato de ter evidenciado questões que possuem a chaga do feminino.



3 MENARCA

O pavor

da página em branco

a folha em branco

casa vazia

a mente repleta de memórias

*Ex-
sonhos*

Es

pe

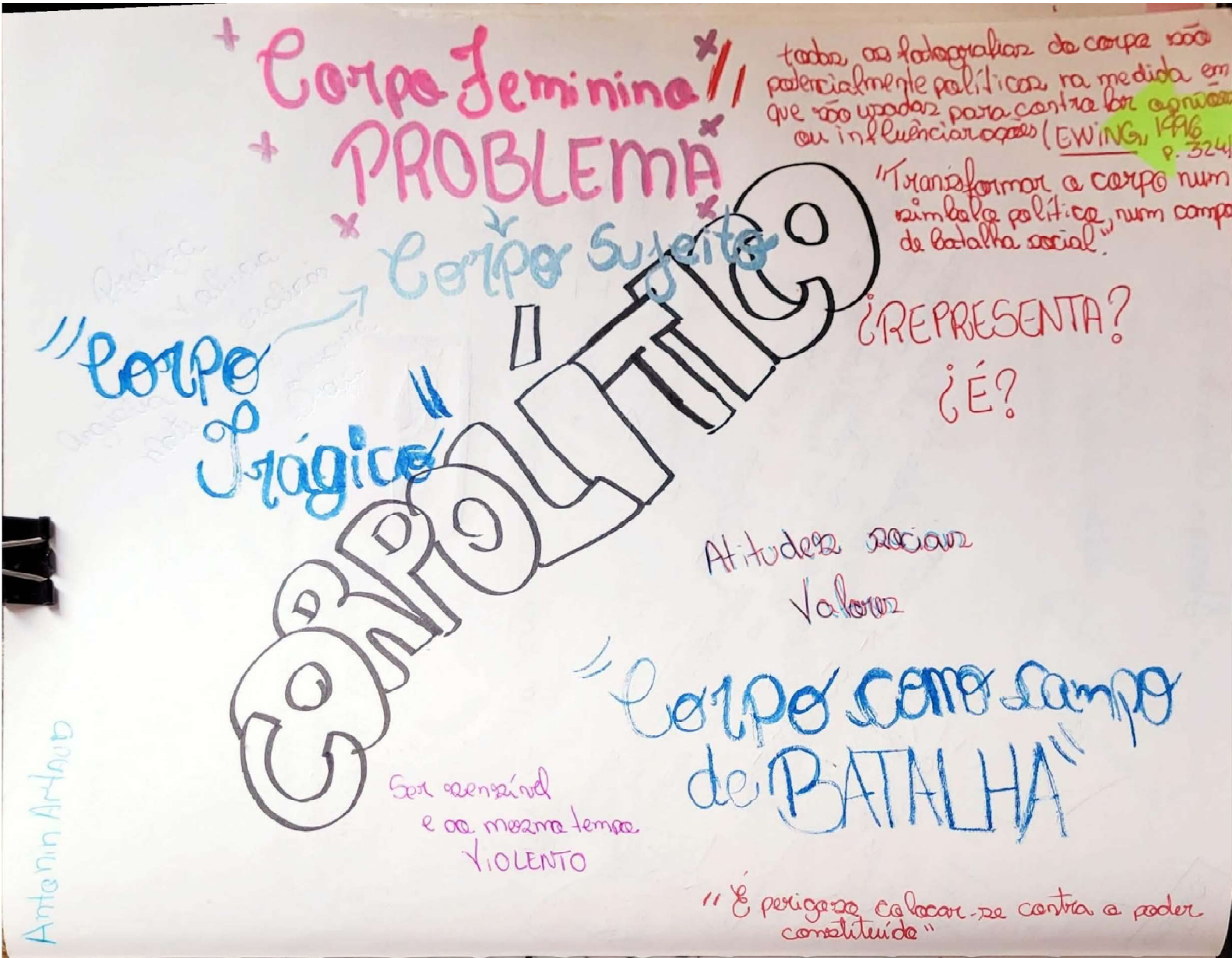
ra

n

ças

3.1 Processo

Figura 13: Corpo político



Fonte: Acervo da autora

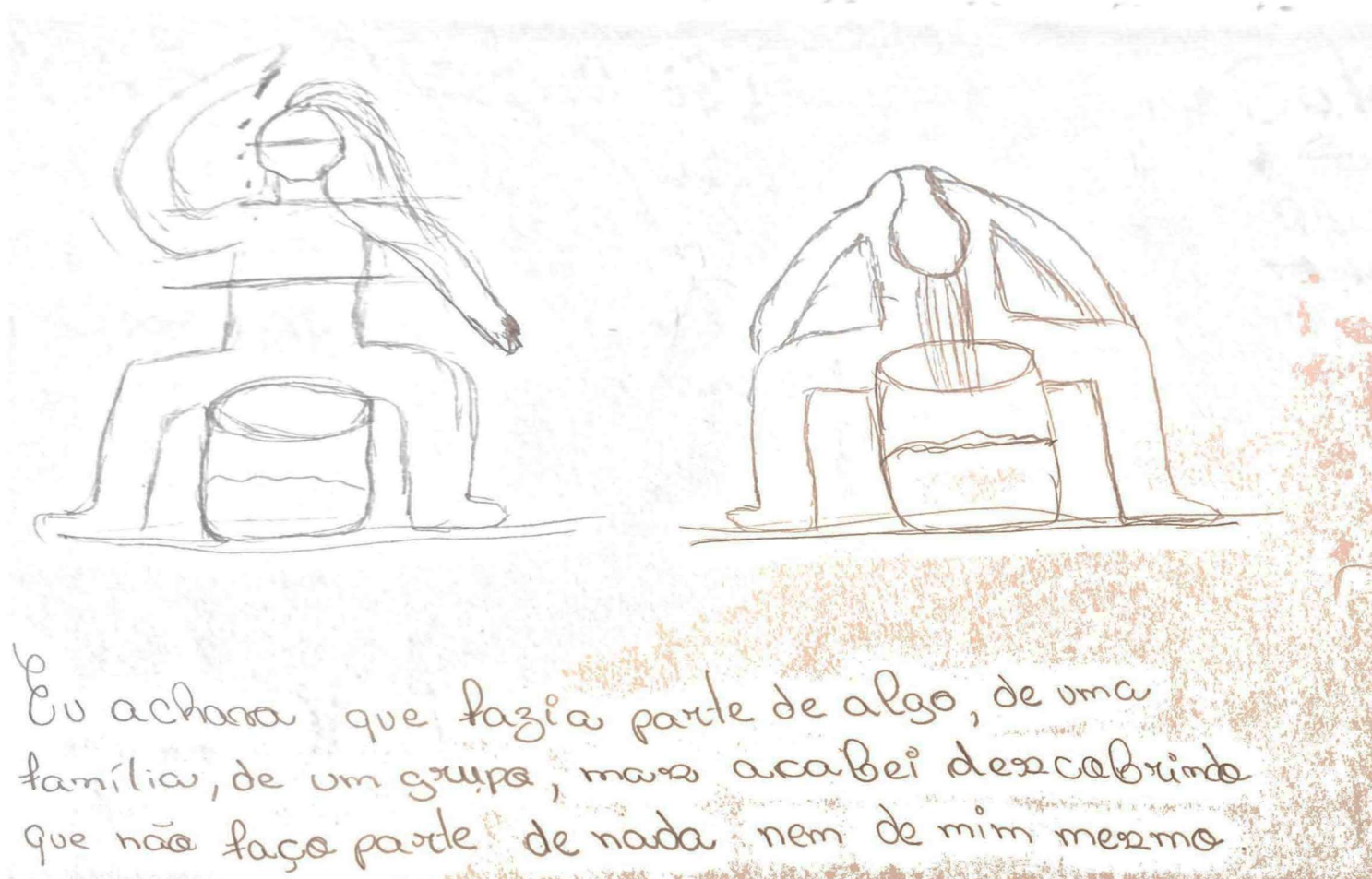
3.1.1 Logos

Menarca teve sua primeira pulsão na forma de uma imagem (figura 13) muito forte que me ocorreu em 2018, ao ser convidada para fazer uma performance na abertura de um estabelecimento cultural, na cidade de Porto Alegre. A primeira ideia era realizar a performance no Viaduto Otávio Rocha, no centro da capital do Rio Grande do Sul, enquanto as pessoas ficavam na fila para entrar na inauguração desse espaço. Para narrar como a ideia da performance ocorreu, terei que rememorar o contexto em que meu consciente e subconsciente estavam mergulhados para que imagens e sensações viessem à tona. Deixando evidências muito fortes de onde emergem as imagens e urgência da criação.

A partir de 2016 o Brasil começou a viver o processo de um golpe de Estado que tem impactado a vida de várias minorias e pessoas que estão à margem, deixando claro um projeto de país que aprofundou o conceito de necropolítica, exterminando e deixando morrer indígenas, pessoas pretas, pobres, transexuais, mulheres entre outras existências. Ao chegar 2018 a situação se agravou ainda mais para algumas categorias e a artística, pertencente a área da cultura foi uma das mais afetadas, pois a Extrema-direita cristã ascendeu ao poder endossando inúmeros discursos de ódio, promovendo ainda mais a perseguição a pessoas historicamente violentadas e negligenciadas. Seguindo a espremer e expulsar pessoas negras, povos originários, à população LGBTQIA+, as mulheres, classe trabalhadora, pessoas com deficiência.

Como afirmou Jair Bolsonaro no ano de 2018 (ANDRADE, 2022, p. 1), presidente do Brasil dos anos 2018 – 2022, ao participar de um evento disse em seu discurso aos gritos “Vamos fazer o Brasil para as majorias. Às minorias têm que se curvar às majorias. Às minorias se adequam ou simplesmente desaparecem”. Como a minha existência se localiza e atravessa algumas dessas minorias, acabei completamente submersa nessa grande bagunça que iniciou em 2016, passando pelo pior momento histórico que todos vivemos durante a Pandemia de COVID-19 e chegando até 2022.

Figura 14: Start da criação



Fonte: Acervo da autora

A dor e a revolta me levaram a pensar em construir a performance a partir da mitologia cristã onde Pôncio Pilatos lava as mãos diante da sentença de morte de um inocente e Lady MacBeth, peça clássica de Shakespeare, que é uma monarca ambiciosa que lava sua mão obsessivamente para tentar se livrar da culpa de um crime cometido em busca de poder.

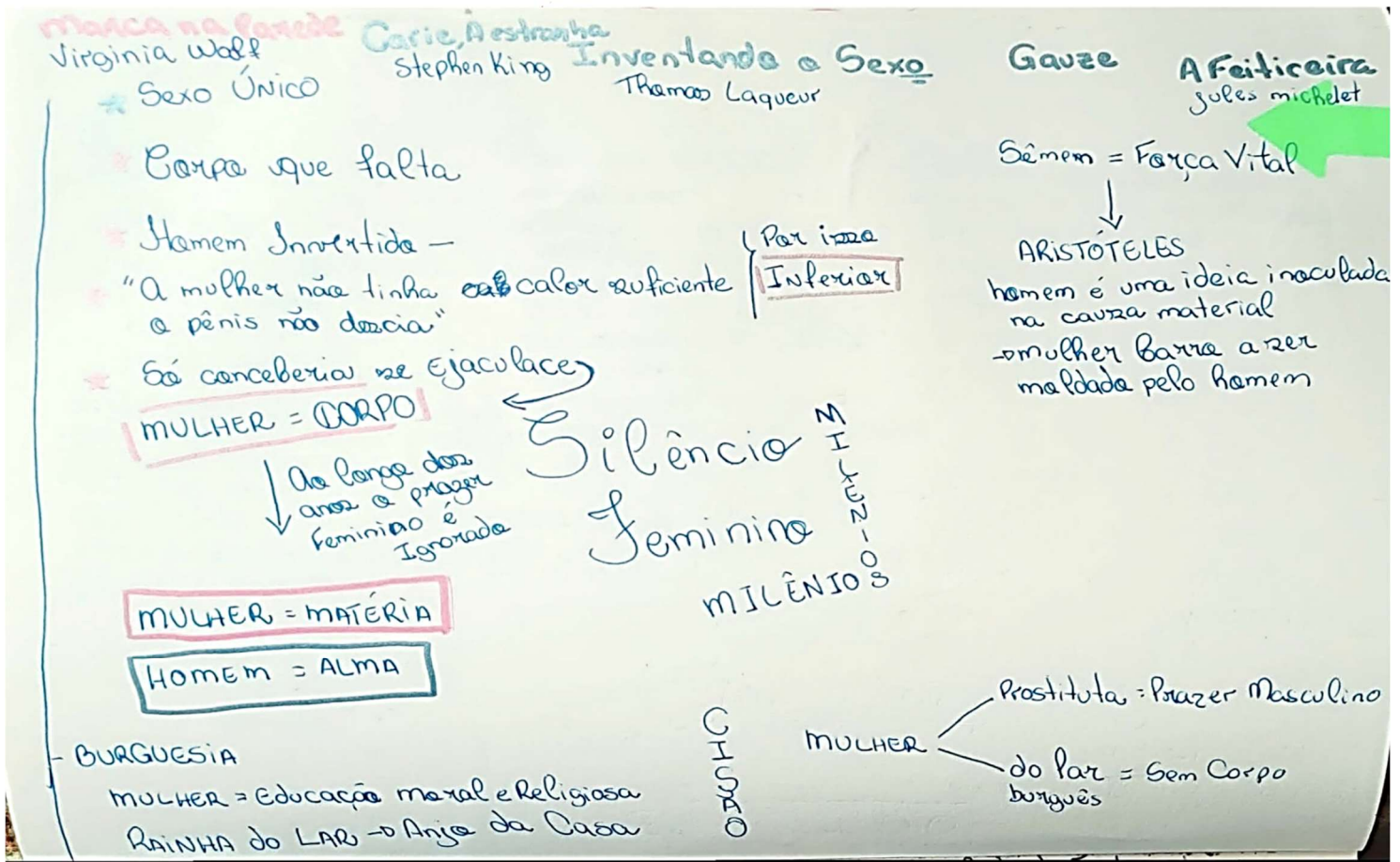
Fora, maldita mancha! Fora, digo eu! Uma, duas. Ora, então, é hora de fazê-lo. O inferno é tenebroso. Que vergonha, meu Senhor, que vergonha, um soldado, e temeroso? O que devemos temer? Quem poderá saber, se não cabe a ninguém pedir contas ao nosso poder? Quem imaginaria que o velho tivesse tanto sangue nele? (SHAKESPEARE, 2016, p.193).

Então defini que seria a ação de lavar as mãos em um balde com tinta vermelha fazendo alusão a sangue. A performance estava fundamentada nessas duas bases: 1- lavar as mãos com uma intenção que variasse da apatia à obsessão e 2- quanto mais eu tentasse me lavar, mais suja ficaria; com a plateia sendo provocada e eventualmente atingidas até pela tinta. Trazendo a ideia do sangue

como indicativo da violência e responsabilidade, do sangue que suja a mão de todos nós e não há como limpar.

Mas a performance não se concretizou e essa ideia ficou no meu inventário corporal, croquis e memória. Algum tempo depois, não me lembro ao certo quanto, me deparei com a palestra “O Insuportável do corpo feminino” com a psicanalista Diana Lichtenstein Corso no projeto “Café Filosófico” do Instituto CPFL e esse contato me proporcionou uma enxurrada de informações, referências e bases históricas que atravessavam vários aspectos das humanidades e a construção da ideia do gênero na sociedade, e no decorrer da palestra minha visão se ampliou sobre as impressões pessoais e empíricas, até então, sobre a sociedade e as mulheres, mais especificamente sobre corpos ditos “femininos”, e o que tem neles que os tornam tão insuportáveis. O que provocou uma erupção imagética, sensorial e filosófica, sobre todas as violências sofridas por mim, por minhas amigas e amigues todos os dias, e quanto a menstruação e a menarca são a desculpa perfeita para controlar o corpo de mais da metade da população, e manter o sistema patriarcal funcionando. Dentre as referências literárias a psicanalista fala sobre a obra *Carrie* de Stephen King resumidamente e como eu nunca tinha lido nem assistido, como todas as outras referências, eu anotei no meu caderno para procurar depois (figura 14).

Figura 15: Anotações



Fonte: Acervo da autora.

A mãe fechou a porta.

- Você agora é mulher - disse ela em voz baixa.

A mãe veio se encaminhando para ela e de repente sua mão ergueu-se e desceu ágil e rápido, uma mão dura, musculosa, cheia de calos do terno. Com as costas acertou o maxilar de Carrie que caiu no limiar da porta, entre a entrada e a sala, soluçando alto. [...]

[...]- E Deus fez Eva de uma costela de Adão - disse ela. Seus olhos estavam enormes por detrás das lentes sem aro; pareciam dois ovos pochés. Acertava-lhe chutes com o lado do pé, e Carrie gritava.

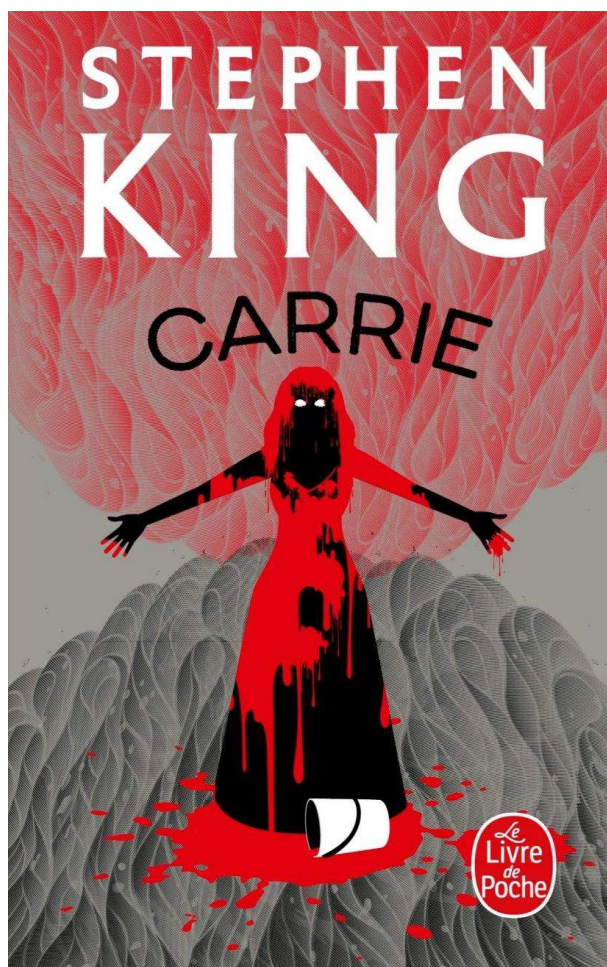
- Vamos, mulher, levanta. Vamos entrar para rezar. Vamos orar a Cristo por nossas almas de mulher, fracas, más e pecadoras (KING, 1974, p.28).

“Carrie” nos leva a acompanhar a trajetória de uma garota que aos 15 anos tem sua primeira menstruação, e nem sequer sabe o que é isso, levando-a protagonizar uma cena de bullying no banheiro da escola onde é agredida pelas colegas e pela professora que dá um tapa em seu rosto para “acalmá-la” de uma crise de ansiedade em decorrência de sua menarca e da violência infringida pelas colegas. Essa violência vivida na escola por Carrie continua acontecendo e se reproduzindo em todos os seus relacionamentos afetivos. O mais dolorido de acompanhar é a sua mãe que devido a educação

cristã e as inúmeras violências vividas ao longo de sua vida, ela utiliza sua filha como uma espécie de depósito de toda a sua frustração e recalque, o que tristemente só faz com que o ciclo de violências seja retroalimentado e perpetuado.

A cena citada acima é uma das primeiras cenas de violências de gênero que vamos acompanhar ao longo das 115 páginas, a partir do momento que a menarca ocorre Carrie vai sendo duramente atacada por se tornar “mulher”. As cenas vão sempre em uma crescente violência e escatologia, levando os discursos hegemônicos e normativos até às últimas consequências, promovendo uma angústia no leitor que acompanha tudo de longe e nada pode fazer. O ponto de virada da narrativa é quando a protagonista descobre que a menarca não trouxe somente coisas negativas para sua vida, mas originou poderes telecinéticos que a possibilita se defender elevando a sua autoconfiança, levando-a a destruir toda a cidade em resposta a mais uma violência praticada em sua escola, uma das cenas mais famosas e referenciadas do cinema, o balde de sangue de porco derrubado em Carrie no palco do baile na frente de toda a escola.

Figura 16: Livro Carrie.



Fonte: Le Livre de Poche, 2010.

A leitura de “Carrie” me fez tecer e amarrar todos os desejos e pulsões que tinham dentro de mim fazendo ressurgir aquela imagem da mulher com o cabelo saindo de um balde respingando sangue, aprofundando hoje na poética que agora consigo perceber e distinguir, na performance, que é a aproximação da *gore*. Transmutando o sangue das pessoas violentadas durante o desgoverno desde o golpe de 2016 para o sangue da menstruação e de todas as mulheres e pessoas com útero que sofrem violências todos os dias porque tem algo que remete e representa o feminino. Personificando e materializando esse mito da mulher bruxa, monstruosa, o mito da Perséfone que tem o poder da vida e da morte e que deve ser subjugada e dominada. Nasce assim Menarca, com a possibilidade de uma primeira apresentação.

3.1 O que é insuportável?

A obra de Stephen King dialogou muito com algumas referências que permearam boa parte da minha infância e adolescência como uma pessoa branca, classe média baixa, pansexual e cristã, me auxiliando a entender de uma maneira muito lúdica e poética onde residia e ainda tem um rastro, um ódio muito forte a tudo que é rotulado de feminino. É necessário localizar de onde parte a minha fala neste contexto brasileiro no sul do país, qual a minha perspectiva dentro dessa complexa trama social que nos reserva determinados locais e posturas, desde muito novos construindo o que nos tornamos. Essas diferenças socioculturais acabam afetando radicalmente o caminho criativo percorrido e as relações feitas com as referências que vão estar muito presentes no resultado da performance por serem parte basilar da minha existência.

Tenho um histórico familiar onde quem menstrua tem sintomas muito fortes e que prejudicam a rotina e vida todos os meses, comigo não foi diferente, tenho um fluxo de sangramento intenso e muitas dores, náusea e diarreia, além das questões emocionais como irritabilidade e quadros de depressão profunda. Somadas as questões sociais do contexto em que estava inserida, como por exemplo, estar pobre naquele momento e não ter dinheiro para ter absorventes, ter a minha liberdade tolhida por não poder me locomover de Viamão a Porto Alegre correndo o risco de não ter a condição de higiene adequada, levando a ser julgada por todos por não conseguir cumprir um compromisso por estar menstruada.

Esbarrar nessa palestra que com esse título tão emblemático “O Insuportável do Corpo Feminino” conseguiu provocar o meu desejo e as minhas pulsões para entender melhor o que é esse ódio e asco introjetado em todas as pessoas que é direcionado a tudo e a todos que carregam a chaga do feminino, a MISÓGINIA. A menstruação é um exemplo muito emblemático e um demarcador

muito forte do que é o feminino nessa sociedade patriarcal, heteronormativa, e que é INSUPORTÁVEL.

Um tabu criado e alimentado em várias partes do mundo, se configurando um dispositivo de controle muito eficiente. Provocando desigualdade e falta de acesso a dignidade e direitos básicos para que uma pessoa com útero possa viver e ter uma vida plena e com acesso a escola por exemplo, como aponta a ONU News “falta apoio a pelo menos 500 milhões de meninas e mulheres para que tenham períodos higiênicos e seguros. Geralmente por não poderem comprar absorventes” (ONU News, 2022, p. 1). Hoje em dia se fala muito mais sobre o tabu da menstruação, mas ainda estamos com dificuldade de promover um amplo acesso à saúde de maneira global.

Me deparar com esses dados fez com que eu percebesse que a minha experiência pessoal ecoava e refletia muito do que a sociedade acredita e pensa sobre a menstruação e por consequência a simbologia do feminino. A Menarca ocupa um lugar místico na vida de uma pessoa que nasce com um útero, e que reverbera na sociedade onde oscila do fascinante ao amedrontador, há uma série de evidências e pistas que respondem o que é insuportável no corpo feminino. É certo que não é uma resposta simples de formular pois há tantos atravessamentos e cruzamentos de experiências. Mas uma das evidências mais fortes é que o controle do corpo feminino advém da necessidade de saber quem são os descendentes do homem para que assim ele possa passar adiante suas posses fazendo com que essa estrutura patriarcal e patrilinear se perpetue há pelos menos 2,5 mil anos no mundo todo. Criando e perpetuando opressões que exterminam qualquer ser que se pareça ou seja dito feminino.

3.1.1 A monstrosidade do feminino

Ao iniciar a pesquisa sobre a menstruação me deparei com inúmeros dados que corroboravam a ideia de que a menstruação em várias culturas era um tabu, a constatação da monstrosidade feminina. Quando se tem um útero, há um pacto social onde se escuta muitas certezas e afirmações que são validadas e valorizadas por grande parte da sociedade e cultura que originam a sorte de preconceitos do tipo “Como pode? Sangrar todos os meses e não morrer”, até pensamentos como mulher deve receber menos porque quando menstrua fica menos produtiva. A radicalidade desse pensamento combinado com culturas patriarcais e misóginas expõe mais da metade da população mundial a uma situação de vulnerabilidade onde uma parte importante da saúde do seu corpo e vida é condenada e negligenciada.

Quando se amplia mais ainda o campo de visão e se aprofunda na situação mundial em relação à dignidade menstrual fica evidente que a minha realidade não era isolada e exclusiva do sul do Brasil, mas sim compartilhada por inúmeras pessoas ao redor do mundo em todos os continentes. Em países

com recursos e países sem dinheiro também. Não tinha a ver com classe social, nesse caso, tinha a ver com o gênero.

No Reino Unido, descobriu-se recentemente que meninas faltavam à escola porque não podiam comprar produtos de higiene, altamente tributados na União Europeia e em outras partes do mundo. Um relatório da UNESCO estima que uma em cada dez meninas na África subsaariana falta à escola durante o ciclo menstrual – o equivalente a 20% de um determinado ano letivo (THE LANCET, 2017, p. 1).

Percebendo assim que trazer essa história e essa narrativa da minha experiência sobre a menstruação seria contribuir para um espectro de mulheres falando sobre suas próprias questões, nesse caso, a menstruação. Não sendo narradas por outras pessoas e sim narrando nossas próprias histórias, equilibrando de maneira bastante trabalhosa essa contradição da própria arte, entre a catarse individual e a experiência vivida e compartilhada com o coletivo.

3.1.2 *Memória monstruosa*

*Como eu queria ter nascido homem*¹⁰

Menarca partiu da minha experiência pessoal e foi a partir da memória corporal e das sensações do período da menstruação que a movimentação foi surgindo e sendo experimentada, assim como Jacopini observa em alguns processos na Cia. Labirinto de Teatro 1 (2015) e relata que “experimentar a própria história a fim de tecer uma dramaturgia cênica é despir-se de si para se emprestar em pesquisa para si mesmo” (JACOPINI, 2015, p. 137).

Esse disparador criativo veio através da terapia e a relação das sensações sentidas nesse período como ânsia de vômito, dores abdominais intensas, contrações, cansaço e um corpo desconfortável e incômodo. Atentando e relacionando ao ódio em ser mulher que estavam cada vez mais evidentes nos períodos menstruais, onde o sofrimento era tão extremo que eu chegava a verbalizar em voz alta “útero por que você me odeia?”.

A performance começou a se desenhar e havia uma intenção muito forte em dividir com todas as pessoas o que foi a menarca e como tem sido menstruar todos os meses desde os 13 anos, ou seja, algo que causasse incômodo, que sujasse, mobilizando as pessoas em todos os sentidos



¹⁰ Fala da autora onde é necessário refletir que, aqui não é num contexto de transgêneridade, e sim revolta pela exclusão promovida pelo patriarcado.

possíveis a partir das memórias e sentidos, utilizando-os assim no ato da criação e depois na apresentação, como Kazuo Ohno alerta em uma entrevista.

Todos os sentidos têm que ser usados na dança há coisas que não se vêem, mas que existem ainda que não as toquemos, elas podem ser tocadas. Em vez de pensar, desejar, querer, possuir coisas, é preciso usar mais os 5 sentidos[...] não se deve dançar com a cabeça, mas dançar buscando a origem da vida, da pessoa mesmo de si mesmo. A origem da dança deve ser a não ideia. O importante é o sentimento (BOGEA apud. LEAL, 2012, p. 35).

A imagem da página anterior é uma foto tirada durante as filmagens do “Menarca 2” vídeo-performance que é um desdobramento da performance discutida nesse capítulo. Antes de começar a criação da coreografia em si eu já tinha algumas demandas anteriores ao início da pesquisa corporal, após a consolidação da *ideia* veio a questão *espacial*, o local de apresentação pois a performance estreou em um evento chamado Mix Dance, que é uma mostra do curso de Dança Licenciatura da UFRGS, evento produzido pelos discentes e coordenado pelo CADAN - Centro Acadêmico do Curso de Dança. O evento foi realizado no Salão de Atos da Reitoria da UFRGS, mas como teria tinta eu sugeri e conversei com o CADAN em uma reunião sobre a performance e que seria melhor fazer na rua, para não sujar o teatro, e no fim da performance encaminhar as pessoas para dentro do teatro. Após o aceite dos colegas do centro acadêmico veio o próximo passo da trilha sonora.

A criação da trilha foi a etapa seguinte, pois o evento tinha uma minutagem máxima de 6 minutos por coreografia, então precisava de uma trilha que me ajudasse a me adequar ao tempo acordado no edital. A trilha foi editada e construída por mim, a falta de recursos faz com que os artistas independentes como eu, tenham que ser extremamente artesanais dando conta de cada aspecto da criação artística, portanto bem trabalhoso, exigente e solitário, porém prazeroso experimentar esses outros fazeres, o que faz com que se valorize muito mais quem se dedica e se especializa exclusivamente a criação de trilhas por exemplo, pois quando se há uma possibilidade de orçamento honesto utiliza-se a colaboração desses profissionais com cachês dignos. O que às vezes aqui em Porto Alegre é quase impossível.

Como observado e contextualizado anteriormente artistas independentes como eu, no ano de 2019, estavam resistindo para seguir produzindo apesar dos ataques recebidos dentro e fora da universidade sobre o nosso ofício, nossas famílias e existências. Muitos artistas incríveis tiveram que desacelerar da carreira artística para sobreviver e preservar os seus. Essa realidade impacta diretamente na produção e privilegia determinados discursos que já têm financiamento. Isso nos leva a criar soluções que deem conta de fazer um trabalho digno, mesmo com quase nenhum orçamento.

Retomando o assunto da trilha: mixei algumas falas e palavras ditas por mim, junto com um efeito de trovão; acrescentei a música da trilha sonora do filme de animação Akira de 1988 e duas músicas do jogo Hellblade: Senua's e Sacrifice, de 2017. Apesar de as músicas serem um guia importante, uma base que conduziu o clima da cena, o texto que mesclei à ela surge em várias entonações, ritmos e intensidades pesam mais dramaturgicamente - e dão o tom daquilo que busco.

Eu odeio o sangue, eu odeio o meu sangue¹¹

Essas falas foram escolhidas para trazer a sensação de como a sociedade vai incutindo dentro de nós uma aversão a algo que é natural do corpo humano e essencial para manutenção da nossa saúde, com vários julgamentos sendo propagados. E a trilha vai em uma crescente onde no final tem o rompimento e sublimação de todas essas referências péssimas exaustivamente ouvidas por aí, buscando uma redenção por todo ódio cultivado dentro de mim contra mim mesma, fazendo as pazes com meu próprio corpo e me sentindo mais apropriada e presente dentro da minha própria pele.

Com a trilha pronta já sabia o *tempo* da performance, o *espaço*, o *balde*, a *tinta vermelha* e então entra o *tecido vermelho* como um objeto cênico/figurino, para dar materialidade ao que a menstruação representa, esse tecido começa como parte do corpo depois se transmuta: vira um peso, uma mordação, uma força. E só após todas essas definições chega a hora de ir para a sala de ensaio criar a coreografia. Revisitando o vídeo do primeiro ensaio para registrar e separar o material para escrever esse trabalho, constato a diferença imensa entre o ensaio, a primeira apresentação e a última que foi em 2022.

3.1.3 O pano, o balde, o sangue, o Balé e o Wushu

A composição em dança é sempre particular e peculiar de cada obra, nesse caso eu tinha algumas imagens que eu queria presente como a cena de Carrie toda ensanguentada e a bailarina de Pina Bausch em sagração da primavera.

¹¹ Trecho extraído da trilha sonora da performance Menarca

Figura 17: Sagração da primavera



Fonte: Tanztheater Wuppertal

Mas como se daria a transição é que deixa tudo mais interessante e instigante. Eu já sabia que a estreia, no ano de 2019, seria do lado de fora do Salão de Atos, portanto pensei que os primeiros momentos iriam para eu formar a roda e fazer as pessoas se interessarem pela minha proposta, muito olho no olho, respiração. Após isso a questão sobre como transportar o sangue e o pano ao mesmo tempo, o sangue ficou no balde como no princípio, mas o tecido tive que testar várias formas para ele ficar enrolado na cintura e oculto da plateia. Ele vinha debaixo de uma bata, detalhe que mudou completamente a minha postura para a entrada em cena, precisei deixar as pernas muito flexionadas, na posição do cavalo e a caminhada arrastada ajudava a disfarçar o pano e dava a sensação de que o balde estava extremamente pesado (figura 17).

O balde como esse objeto que é oco, feito para conter outras coisas, nessa performance nitidamente se liga a imagem do ventre, do útero que pode conter a vida e a morte escorrendo na forma de sangue todos os meses. Porém a morte na perspectiva de fechamento de ciclos que entende a parte fundamental na manutenção da vida. A relação se aprofunda quando olhamos a figura da mulher ocidental carregando esse peso de ser acolhedora, aguentar as maiores atrocidades e sempre estar ali para aconchegar, como se fosse um espaço vazio pronto a ser preenchido.

Figura 18: Início da performance



Fonte: Acervo da autora

O balde então figura o elemento central da roda, trazendo esse protagonismo e essa força de um balde cheio de sangue no meio de uma roda. O tecido ao sair de dentro do ventre quase como um nascimento e aí surge um ponto central e de grande dificuldade pra mim, que é trabalhar a voz e as sensações na fisicalidade, pois a ideia era dividir a minha experiência com a menarca e a menstruação, então levei um bom tempo para descobrir como enrolar o tecido no quadril e puxá-lo de maneira cênica e poética. Primeiramente criei a partitura e depois acrescentei a camada da respiração testando o ritmo e a duração de estar ofegante, os gritos de dor e eventuais ânsias de vômito, aliados a um movimento forte da coluna com a contração abdominal, que ajudavam no peso da voz.

Na criação, no primeiro ensaio a performance ficou dividida em 5 momentos que ficaram dispostos assim: 1- formar a roda; 2- Menarca; 3- negação, esconde; 4- briga e silenciamento; 5- redenção; no primeiro ensaio consegui rascunhar quase toda a performance, mas tinha a sensação de que o ritmo e a movimentação não estavam bem dentro da proposta, faltava algo. Conversando com meu companheiro daquela época, percebi que os meus pés e minha movimentação ainda estavam muito aéreos, precisava do pé afundado no chão na terra, mais mobilização da coluna e um olho forte, o que trouxe presença e estabilidade para esse primeiro momento em que deveria impor o meu lugar e meu espaço para o público, para não ser engolida por eles.

A criação da partitura envolvia um desafio, prever o tempo do jogo com o público, uma movimentação em 360° onde cada pessoa da plateia poderia ver a movimentação. Tudo isso com a direção feita por mim através de gravações de vídeo e da propriocepção usando a bagagem que carregou de experiências com outros diretores. Dentre a performance tinham algumas cenas e referenciais que eu gostaria que estivessem, como a cena do cabelo dentro do balde saindo pingando sangue. As outras movimentações e imagens foram sendo descobertas no decorrer dos ensaios e pesquisa corporal. Mas houve movimentações que só foram descobertas no dia da estreia, principalmente com a presença do público.

Para conseguir colocar mais peso e densidade na movimentação recorri muito ao vocabulário desenvolvido e estudado no treino de mais ou menos um ano de Wushu.

Wushu é termo que define a arte marcial de origem chinesa. Esta denominação ampla, somada ao vasto território e à tradição em desenvolvimento de técnicas de combate da China, faz com que o wushu abranja uma diversificada gama de métodos marciais. O wushu se popularizou no ocidente como kungfu, e de forma sintética pode ser classificado em métodos de combate ou de taolu (forma). (CBKW, 2023, p. 1)

Figura 19: Wushu



Fonte: Acervo da autora

A relação da luta, prática recente, com o balé clássico que é a minha primeira referência base de dança, colabora com algo que estava sempre no plano de fundo, que era a questão da busca da minha voz em como criar e conseguir divulgar uma história, um pensamento que partisse do ponto de vista feminino, do meu ponto de vista. Sem julgamentos, amarras e limites estéticos, mesmo estando em um evento da universidade onde, às vezes, esbarramos com a burocracia e a estrutura misógina e patriarcal. O balé me deu muito suporte na hora das linhas, giros e pensando no princípio da oposição (figura 17) para tornar os golpes e poses do Wushu mais expressivos e cênicos.

Olho para os vídeos de ensaio da performance e percebo que consegui estruturar a performance com alguns espaços vazios, com sequências entre os improvisos e jogo com o público, garantindo um controle e uma liberdade para transitar com mais assertividade entre a plateia. Para dar conta da dimensão do público, pois ele é variável e bem inesperado, o que acabou me guiando foi a trilha sonora, que tem demarcações onde vai mudando o clima e a intenção. Nesses momentos, intercalados com a interação com a plateia onde eu voltava para o balde no centro da roda, utilizei os elementos cênicos propostos – até porque o sangue só começa a participar da performance da metade para o final, como reafirmação do insuportável. Como se dissesse: por mais que você tente esconder ou ignorar ele é inevitável.

O sangue foi um elemento que a princípio era uma ideia simples, tinta guache vermelha diluída em água, mas ao fazer algumas pesquisas pensei em misturar com outras tonalidades e mais ingredientes como maizena para deixá-lo próximo do sangue real, mas não tive orçamento para isso então acabei voltando para ideia inicial comprei uma tinta vermelha guache e só testei ela na hora, por conta da falta de dinheiro para conseguir mais tinta, figurino etc. Mas como é possível observar nas fotos da performance, o efeito funcionou, gerando polêmicas e alguma dor de cabeça para mim após a apresentação.

4 EU NÃO VOU, EU NÃO VOU, EU NÃO VOU CANSAR DE SER MULHER

CONCLUSÃO

A frase que dá o título a essa conclusão é de uma artista visual que resolveu dividir um momento muito importante de sua vida em um podcast documental chamado “O ateliê” por Beatriz Trevisan e Chico Felitti, que registra a denúncia feita por ex-alunas de um auto-intitulado “Mestre”, um abusador e estelionatário que usava o escudo de artista para tirar vantagens e maltratar pessoas, principalmente jovens mulheres, alegando ser seu método de ensino-aprendizagem. No episódio final a artista Mirela Cabral, narrando o que aconteceu após a repercussão de sua história, e a chuva de críticas e ódio que recebeu, ao preparar a sua exposição de arte em Londres, diz que quase colocou o título da exposição “Eu não vou, eu não vou, eu não vou cansar de ser mulher”, quando ela falou essa frase as lágrimas foram inevitáveis, fazia tempo que não chorava. Ela foi tão sincera e honesta que mesmo através de um podcast foi possível sentir todo o peso e profundidade dessa fala, e que nesse momento faz todo sentido.

Percebo a relação direta da dificuldade de escrever esse TCC e me narrar, dar materialidade a meus pensamentos de uma maneira não usual, com o sistema misógino e patriarcal instaurado. Se tem algo que essa pesquisa, desenvolvida a partir da Menarca e seus desdobramentos, me possibilitou foi perceber o esforço que a maioria das pessoas relacionadas ao feminino tem que fazer para conseguir ter a sua voz ouvida, respeitada e compartilhada. Pois o silenciamento é extremamente violento e naturalizado, dificultando muito a convivência em sociedade, daí então tantas lutas têm sido travadas, para que essas definições de homem e mulher parem de representar e definir toda a diversidade da orientação sexual, identidade e expressão de gênero, extinguindo a prática de controle absoluto sobre os nossos corpos.

No decorrer da pesquisa foi possível compreender algumas relações, intenções e escavar os meus materiais de registro e de pesquisa, o que me permitiu perceber a quantidade real de material que acabo utilizando em minhas pesquisas artísticas. O que provocou uma valorização maior de meus processos e percepção de práticas que se repetem de outros trabalhos vividos, ao longo da vida. Exercitar e trazer à tona a minha voz como artista-pesquisadora-professora promoveu uma afirmação em algumas práticas metodológicas de pesquisa cênica, o que me possibilitará repetir procedimentos num futuro, bem como, aprimorar esses modos de fazer, se necessário.

A performance Menarca se ramificou em alguns outros trabalhos que foram feitos durante a pandemia. Esses trabalhos garantiram que eu não passasse fome; a saber, tive dois projetos aprovados,

um a nível municipal e outro a nível estadual. Como eles são vídeo-performance e possuem um processo de construção e criação diferente da performance, não foram discutidos nesta pesquisa. Esse fato me instiga a querer seguir com a pesquisa, mais adiante, pois ela tem muito material interessante que gostaria de acrescentar, materiais que não entraram na discussão, devido a organicidade da pesquisa.

Deixo aqui o link para os dois vídeos “Menarca”, para fruição:

https://drive.google.com/file/d/1w0oeI8T2zSVMHRrFt5wt8si7-tgumZJY/view?usp=share_link

e “Menarca 2”: <https://www.youtube.com/watch?v=QCoIYM4J06Q&t=115s>

Ao finalizar essas reflexões, percebo que essa pesquisa trouxe uma camada mais profunda, no que posso entender, hoje, dos processos de criação de uma dança e de uma performance. A percepção foi avivada, pois ao remexer e organizar os materiais de processo, a memória foi ativada. E a memória como ativador de sensações e estados fizeram com que meu corpo dançasse, durante as performances, com mais verdade e presença. Lancei mão de meu arcabouço técnico que incluía balé e wushu e do imagético relacionando à cultura gore e cristã – e tudo isso feito de maneira muito orgânica e caótica. O caos pode ser método, quando o percebemos. Nesse sentido, olhar para os materiais novamente me fez reafirmar escolhas cênicas e repensar outras, o que vem promovendo um verdadeiro amadurecimento do trabalho. Por fim, acredito que as histórias e as questões desse processo, evidenciadas neste trabalho de conclusão de curso (TCC) da Licenciatura em Dança tenham potencial de continuidades e relevância para serem compartilhadas.

Portanto

EU NÃO VOU, EU NÃO VOU, EU NÃO VOU CANSAR DE SER MULHER

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABE, Stephanie Kim. **Educação a todas, todos, todes: linguagem não binária na sala de aula.** Cenpec. 2021.

ANDRADE, Hanrrikson, "**Bolsonaro contraria Constituição e diz que 'minorias têm que se adequar'**" UOL, Julho, 2022. Disponível em < <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/07/15/bolsonaro-defende-falas-transfobicas-minorias-tem-que-se-adequar.htm>>. Acesso em 22 de fev 2023.

A PROVÍNCIA. **Lázaro de Oliveira.**, Piracicaba. Novembro, 2009. Disponível em: <<https://www.aprovincia.com.br/memorial-piracicaba/artes-artistas/lazaro-de-oliveira-3092/>> acesso em 15/03/2023

A PROVÍNCIA. **Lázaro de Oliveira Junior**, Piracicaba. Dezembro, 2009. Disponível em: <https://www.aprovincia.com.br/memorial-piracicaba/artes-artistas/lazaro-de-oliveira-junior-3093/>> acesso em 15/03/2023

BARBA, Eugenio e SAVARESE, Nicola. **A arte secreta do ator, um dicionário de antropologia teatral.** Tradução: Mendonça, Patricia Furtado de. É Realizações. 2012

BARBA, Eugenio. **Pontos de vista sobre a arte.** Copenhague, 1968.

CAFÉ FILOSÓFICO CPFL, Diana Corso. **O insuportável do corpo feminino.** YouTube, 04/12/2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oHiLo8nTyT0&t=1450s>. Acesso em: 16/02/2023.

CBKW. **O que é o Wushu?** traduzido e adaptado de iwuf.org. Disponível em < <https://cbkw.org.br/wushu/o-que-e-wushu/>>. Acesso em 19/03/2023

JACOPINI, Juliano. R. **Dramaturgia da memória.** Revista Aspás, 5(1), 130-140.2015
<https://doi.org/10.11606/issn.2238-3999.v5i1p130-140>

LEAL, Patrícia. **Amargo perfume: a dança pelos sentidos**. São Paulo: 2012.

MACIEL, Mayara l **Uma gigante da floresta no Parque do Goeldi**. Museu Paraense Emílio Goeldi 2016. Disponível em: <<https://www.museu-goeldi.br/noticias/uma-gigante-da-floresta-no-parque-do-goeldi#:~:text=A%20raiz%20da%20sama%C3%BAma%2C%20conhecida,pessoas%20que%20transitam%20nas%20florestas.>> Acesso em: 16/03/2023

NARRATIVA. *In*: Oxford Languages. Oxônia: **Oxford University Press**, 2023. Disponível em: <[google.com.br](https://www.google.com.br)>. Acesso em: 16/03/2023.

ONU NEWS. **ONU realiza debate sobre dignidade menstrual como direito humano e remoção de tabus**. 2022. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2022/07/1795152#:~:text=A%20declara%C3%A7%C3%A3o%20%C3%A9%20da%20alta,por%20n%C3%A3o%20poderem%20comprar%20absorventes>. Acesso em: 14/03/2023.

PÉREZ ROYO (UNIVERSIDAD DE ZARAGOZA – ZARAGOZA, ESPANHA), V. Sobre a Pesquisa nas Artes: um discurso amoroso. Revista Brasileira de Estudos da Presença, [S. l.], v. 5, n. 3, p. 533–558, 2022. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/presenca/article/view/57862>. Acesso em: 16/03/2023.

PROMODANCA. **Personalidades** Eduardo Bonis.p.1. 2023. Disponível em: <<http://promodanca.com.br/personalidades/1>> acesso em: 16/03/2023.

RANK BRASIL. **Primeiro artista plástico em cenografia aquática do Brasil Piracicaba**. Outubro, 2008. Disponível em: <https://www.rankbrasil.com.br/Recordes/Materias/0LSJ/Primeiro_Artista_Plastico_Em_Cenografia_a_Aquatica_Do_Brasil> acesso em 15/03/2023

REY , Sandra. Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes visuais. O meio como ponto zero. P. 125- 140. Editora da Universidade/UFRGS. Porto Alegre, 2002.

SÃO PAULO CIA DE DANÇA. **Verbete Aracy Evans**. 2023. Disponível em:
<https://spcd.com.br/verbete/aracy-evans/> acesso em 16/03/2023

SHAKESPEARE, William. **A tragédia de Macbeth** = e tragedy of Macbeth / William Shakespeare
Tradução Rafael Ra_ aelli. – Florianópolis: Ed. da UFSC, 2016.

THE LANCET, Time to talk about menstruation: #PeriodEmoji. **Editorial**. 2017. Vol 389.
Disponível em: <[https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(17\)31579-9/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(17)31579-9/fulltext) >. Acesso em 12 de mar 2023.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu** .Tradução Vera Ribeiro. São Paulo: Ed. Nova fronteira, 2016.

WOOLGER, Jennifer B; WOOLGER, Roger J. **A deusa interior**: um guia sobre os eternos mitos femininos. São Paulo. Cultrix, 2007.